

# TURISMO NO BRASIL 2022

## AVALIAÇÃO E PROPOSTAS



CONFEDERAÇÃO  
NACIONAL DE  
SERVIÇOS

# ÍNDICE

---

APRESENTAÇÃO	5
A POSIÇÃO DO BRASIL	7
SALDO EXTERNO	13
TURISMO DE LAZER	21
FEIRAS E NEGÓCIOS	31
EMPREGO E RENDA	39
PROPOSTAS DA CNS	47

## **REDAÇÃO E PESQUISA**

FERNANDO GARCIA DE FREITAS E ANA LELIA MAGNABOSCO

## **PRODUÇÃO**

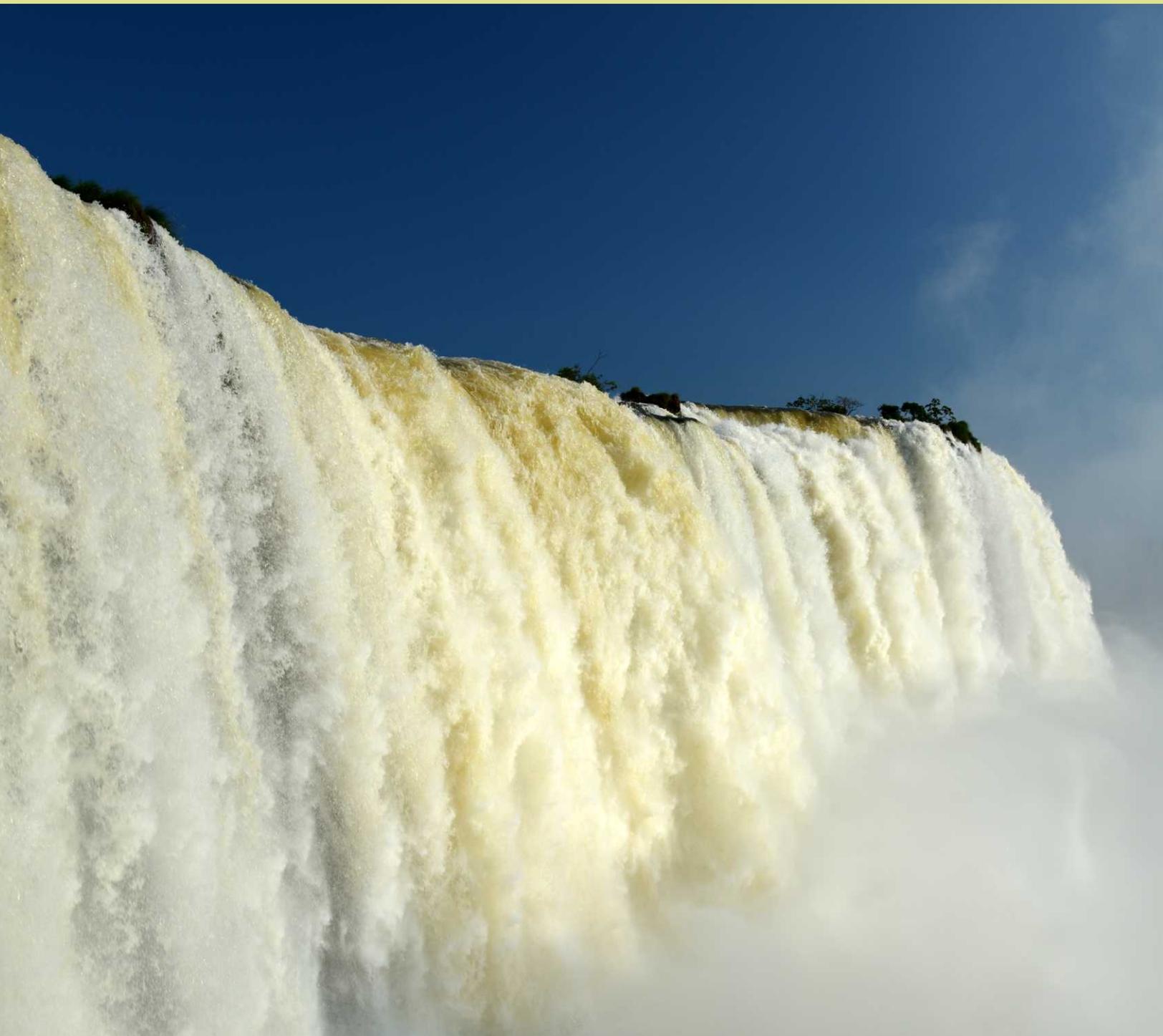
EX ANTE CONSULTORIA ECONÔMICA

Setembro de 2022

*A fauna brasileira é uma das riquezas naturais do país.*



*Cataratas do Iguaçu, o maior conjunto de quedas d'águas do mundo.*



# APRESENTAÇÃO

O turismo brasileiro avançou na última década, impulsionado principalmente pela Copa do Mundo e as Olimpíadas de 2016. Mas a posição do país no cenário do turismo mundial ainda é modesta. A taxa de crescimento do número de turistas estrangeiros que ingressaram no Brasil continuou a ser superada pela taxa de expansão do número de brasileiros que visitam o exterior. Em 2019, o saldo do turismo externo alcançou déficit de US\$ 11,6 bilhões, com US\$ 6,0 bilhões de receitas com estrangeiros no país e US\$ 17,6 bilhões de despesas de brasileiros no exterior. Essas estatísticas revelam a baixa competitividade do país, a despeito da atratividade dos locais turísticos e da vocação para turismo de negócios.

O levantamento de custos relativos feito a dez anos atrás mostrava que o Brasil era um destino caro para os turistas estrangeiros. O levantamento feito recentemente revela que a situação melhorou, mas os custos do país continuaram elevados mesmo após a desvalorização cambial. A desvalorização reduziu o potencial de despesas dos turistas brasileiros no exterior, mas não contribuiu na mesma proporção para aumentar a atratividade dos destinos brasileiros para os turistas estrangeiros.

Em 2020, a pandemia trouxe uma nova realidade para o Brasil e para o mundo. As atividades do setor de turismo caíram, com perdas de empregos e de renda. As empresas acumularam prejuízos. Esses fatos tornaram ainda mais crítica uma situação que já era delicada. A recuperação dos patamares pré-crise levará anos e demandará ações muito mais articuladas e profundas dos governos.

Esta publicação traz uma avaliação isenta dos avanços e do estado atual do turismo no Brasil e traz propostas para acelerar o ritmo de desenvolvimento dessa atividade, cuja importância econômica ganha dimensão cada vez maior. Com isso, a Confederação Nacional de Serviços pretende contribuir para o aprimoramento das políticas públicas, com foco na geração de emprego e renda no âmbito nacional e regional.

Luigi Nese  
Presidente da CNS



1



# A POSIÇÃO DO BRASIL

---

O Brasil tem uma imagem muito boa de país tropical com cidades vibrantes e um povo alegre com vasta agenda de festas populares. Tem um potencial enorme para o turismo de lazer, para a realização de feiras que promovem sua economia e suas exportações, e para a realização de eventos internacionais esportivos e culturais. Ainda assim, o posicionamento do país no cenário internacional do turismo é bastante modesto.

Vindo de uma estagnação no ingresso de turistas estrangeiros após a Copa do Mundo e das Olimpíadas, o país sofreu de forma intensa o isolamento imposto pela pandemia. A recuperação, ainda lenta, marca um aprofundamento da questão e torna os desafios para o futuro ainda maiores.

Este primeiro capítulo do relatório da CNS sobre o turismo analisa a posição do Brasil em uma série que *rankings* comparativos internacionais, os quais levam em conta a entrada de estrangeiros no país, a saída de nativos e os fluxos financeiros internacionais do turismo no ano de 2019. Esse ano foi escolhido como base de comparação porque dispõe de um conjunto maior de comparações e é o último ano antes da pandemia, um evento que afetou o turismo de forma marcante.

*Pão de Açúcar, Rio de Janeiro. Uma das imagens mais reconhecidas por estrangeiros em referência ao Brasil.*

**TABELA 1.1**  
**ENTRADA DE TURISTAS**  
**ESTRANGEIROS, 2019**

Posição	País	Em milhões de pessoas	(%) em relação ao mundo
1	França	217,9	9,1%
2	Estados Unidos	165,5	6,9%
3	China	162,5	6,8%
4	Espanha	126,2	5,3%
5	México	97,4	4,1%
6	Itália	95,4	4,0%
7	Polônia	88,5	3,7%
8	Hungria	61,4	2,6%
9	Croácia	60,0	2,5%
10	Hong Kong	55,9	2,3%
11	Turquia	51,7	2,2%
12	Reino Unido	40,9	1,7%
13	Tailândia	39,9	1,7%
14	Alemanha	39,6	1,6%
:	:	:	:
25	Arábia Saudita	20,3	0,8%
26	Holanda	20,1	0,8%
27	Singapore	19,1	0,8%
28	Vietnã	18,0	0,7%
29	Índia	17,9	0,7%
30	Coréia do Sul	17,5	0,7%
31	Portugal	17,3	0,7%
32	Indonésia	16,1	0,7%
33	South África	14,8	0,6%
34	Ucrânia	13,7	0,6%
35	Marrocos	13,1	0,5%
36	Egito	13,0	0,5%
37	Romênia	12,8	0,5%
38	Bulgária	12,6	0,5%
39	Belarus	11,8	0,5%
40	Suiça	11,8	0,5%
:	:	:	:
51	Filipinas	8,3	0,3%
52	Andorra	8,2	0,3%
:	:	:	:
55	República Dominicana	7,6	0,3%
:	:	:	:
60	Albânia	6,4	0,3%
→ 61	<b>Brasil</b>	<b>6,4</b>	<b>0,3%</b>
62	Lituânia	6,2	0,3%

FONTE: Organização Mundial do Turismo.

O Brasil é um país grande, com grandes atratividades turísticas. Era, em 2019, a décima economia do mundo e referência de negócios no cenário internacional. Mas o turismo ainda é uma atividade econômica relativamente pouco explorada e desenvolvida. Antes de entender as razões do relativo atraso, cabe avaliar o posicionamento competitivo do país no turismo mundial.

A análise da competitividade do turismo brasileiro começa com o olhar para os lados, buscando as referências absolutas e relativas para posicionar o desempenho recente do turismo internacional brasileiro à luz da experiência internacional. Essa investigação parte das informações mais recentes do banco de dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), órgão das Nações Unidas, para construir cinco *rankings* de desempenho relativo.

A **Tabela 1.1** traz o *ranking* das nações ordenadas pelo número de turistas estrangeiros ingressos no país em 2019, qualquer que seja o motivo da entrada – turismo de lazer, negócios, feiras e eventos, relações internacionais, eventos esportivos, trabalho temporário etc. A **Tabela 1.2** expressa o ordenamento das economias conforme o ingresso de turistas estrangeiros por habitante.

A posição do Brasil é ruim nos dois ordenamentos. Em 2019, ingressaram no país 6,4 milhões de turistas estrangeiros, o que representou apenas 0,26% dos 2,4 bilhões de habitantes que viajaram para outros países do mundo inteiro. Com isso, o país ocupou a 61ª colocação, ficando ao lado da Albânia e da Lituânia. Esse *ranking* é liderado por França, Estados Unidos, China, Espanha, México, Itália, Polônia, Hungria, Croácia e Hong Kong, que somados responderam por quase 50% dos destinos dos turistas internacionais.

Vale mencionar também que a colocação observada em 2018 ficou abaixo da registrada em 2013 (44ª posição), ano que antecedeu a Copa do Mundo realizada no país, e mesmo a do ano anterior, em que o país ocupou a 52ª posição do *ranking*. É seguramente uma posição ruim, pois o Brasil era a décima economia do mundo e tinha a sexta maior população, sem considerar a enorme extensão territorial e a gigantesca costa, quase toda em zona tropical com aproveitamento turístico.

A posição relativa quanto à população expressa na **Tabela 1.2** mostra um quadro ainda pior, no qual o Brasil

ocupava a distante 165ª posição em 2019, atrás do de grande parte dos países da África Subsaariana, tais como Quênia, Uganda, Camarões, Moçambique, Zâmbia e Angola. Um ano antes, o Brasil ocupava a 156ª colocação, ou seja, como no *ranking* de total e turistas recebidos, o país caiu 9 posições entre 2018 e 2019.

Esse *ranking*, obviamente, é liderado por países muito pequenos e que têm no turismo sua principal atividade econômica. São cidades-estados europeias com cassinos e atividade financeira, ou ilhas tropicais do Caribe, Ásia e África. Esses países recebem entre 10 mil e 100 mil turistas por habitante por ano.

Mesmo considerando esse aspecto, a posição brasileira foi ruim, visto que outros países da América Latina ficaram melhor posicionados que o Brasil, que recebeu pouco menos de 30 turistas estrangeiros per capita: o Uruguai ocupou 70ª posição, com 1.005 turistas per capita, o México ocupou a 79ª posição, com 764 turistas per capita, o Chile ocupou a 119ª posição, com 287 turistas por habitante por ano, e a Argentina ocupou a 131ª posição, com 165 turistas per capita – 5,5 vezes a marca brasileira.

Em termos de faturamento com o turismo internacional, o Brasil ocupou a 42ª posição do *ranking* mundial, com receitas de US\$ 6,1 bilhões em 2019 – **Tabela 1.3**. Esse valor superou em apenas US\$ 470 milhões o volume de receitas da Argentina com turismo foi um-quinco da receita mexicana com turismo, de US\$ 25,8 bilhões.

A receita do turismo brasileiro foi de aproximadamente US\$ 29,00 por habitante em 2019, o que colocou o Brasil na 121ª posição no *ranking* internacional desse indicador. O Brasil ficou abaixo de Cuba (com US\$ 233,40 per capita), do Peru (com US\$ 144,70 per capita) e da Argentina (com US\$ 125,80 per capita).

O resultado final foi o acúmulo de déficit no turismo externo. As despesas brasileiras com turismo no exterior, de US\$ 21,2 bilhões em 2019, excederam as receitas de US\$ 6,1 bilhões, provocando déficit de US\$ 15,1 bilhões. Em termos per capita, o país ficou na 192ª posição do *ranking* de resultado financeiro do turismo, com um déficit de US\$ 71,30 por brasileiro. Olhando para os lados, novamente se vê uma situação de baixo desenvolvimento: a África do Sul teve superávit de US\$ 54,60 per capita

**TABELA 1.2**  
**TURISTAS ESTRANGEIROS**  
**POR MIL HABITANTES, 2019**

Posição	País	Turista por mil habitantes
1	Andorra	106.745,7
2	Macau	61.529,00
:	:	:
7	St. Kitts e Nevis	20.952,42
:	:	:
9	Bahamas	18.614,28
:	:	:
20	Hong Kong	7.447,22
21	Malta	6.981,28
22	Bahrain	6.739,73
:	:	:
36	St. Vicente e Granadinas	3.544,53
37	República Checa	3.485,99
:	:	:
40	Singapore	3.351,59
41	França	3.239,86
:	:	:
44	Espanha	2.676,79
:	:	:
50	Irlanda	2.219,34
:	:	:
79	México	763,52
:	:	:
93	Arábia Saudita	592,15
:	:	:
100	New Caledônia	479,17
:	:	:
102	Kazaquistão	459,93
:	:	:
105	Guiana	402,41
:	:	:
113	Trinidad e Tobago	344,09
:	:	:
126	Nicarágua	222,29
127	Uzbequistão	200,98
:	:	:
→ 165	<b>Brasil</b>	<b>30,10</b>
166	Benin	28,56
167	Guiné-Bissau	27,28
168	Tanzânia	26,33

FONTE: Organização Mundial do Turismo.

**TABELA 1.3**  
**RECEITA DO TURISMO**  
**US\$ BILHÕES, 2019**

Posição	País	Receitas	(%) em relação ao mundo
1	Estados Unidos	239,4	12,9%
2	França	70,8	3,8%
3	Tailândia	64,4	3,5%
4	Alemanha	58,4	3,1%
5	Itália	51,9	2,8%
6	Japão	49,2	2,6%
7	Austrália	48,0	2,6%
8	Turquia	41,4	2,2%
9	Macau	41,2	2,2%
10	Emirados Árabes	38,4	2,1%
11	Hong Kong	32,7	1,8%
12	Índia	31,7	1,7%
13	Áustria	25,9	1,4%
14	México	25,8	1,4%
15	Coréia do Sul	25,5	1,4%
16	Portugal	24,6	1,3%
17	Holanda	23,7	1,3%
18	Grécia	23,0	1,2%
19	Malásia	22,2	1,2%
20	Suiça	21,3	1,1%
21	Arábia Saudita	19,8	1,1%
	:	:	:
37	República Checa	8,0	0,4%
38	Panamá	7,1	0,4%
39	Noruega	7,0	0,4%
40	Colômbia	6,8	0,4%
41	Jordânia	6,8	0,4%
→ 42	<b>Brasil</b>	<b>6,1</b>	<b>0,3%</b>
	:	:	:
49	Sri Lanka	4,7	0,3%
50	Costa Rica	4,3	0,2%
51	Romênia	4,2	0,2%
	:	:	:
57	Etiópia	3,5	0,2%
58	Eslovênia	3,4	0,2%
59	República Eslovaca	3,4	0,2%
60	Chile	3,3	0,2%
	:	:	:
74	Aruba	2,1	0,1%
75	Ilhas Maurício	2,0	0,1%

**TABELA 1.4**  
**RECEITA DO TURISMO**  
**US\$ POR HABITANTE, 2019**

Posição	País	Receitas por habitante
1	Macau	64.277,08
2	Andorra	24.758,25
3	Aruba	19.838,21
4	Saint Martin	17.015,96
5	Ilhas Cayman	14.842,64
6	Bahamas	10.655,07
7	Antígua e Barbuda	10.214,69
8	Ilhas Virgens (U.S.)	9.665,41
9	Bermuda	9.403,70
10	Luxemburgo	9.104,82
11	Seicheles	6.330,35
	:	:
15	Hong Kong	4.355,01
	:	:
21	Suiça	2.478,87
22	Portugal	2.390,76
23	Bahrain	2.351,99
	:	:
32	Fiji	1.511,31
	:	:
38	França	1.052,45
	:	:
47	Itália	869,09
	:	:
51	Estados Unidos	729,29
52	Alemanha	702,49
	:	:
65	Japão	388,60
	:	:
88	África do Sul	154,79
89	Peru	144,66
	:	:
94	Equador	131,69
95	Argentina	125,82
	:	:
104	Bolívia	84,86
	:	:
→ 121	<b>Brasil</b>	<b>29,03</b>
	:	:
142	Guiné	0,81

FONTE: Organização Mundial do Turismo.

em 2019, o Peru, de US\$ 33,80 per capita, e o México, de US\$ 106,90 per capita.

A pandemia do Covid-19 apenas acentuou esse distanciamento. O número de estrangeiros que realizaram visita de turismo ao Brasil passou de 4,8 milhões em 2019 para 1,8 milhão em 2020 e caiu para apenas 597 mil estrangeiros em 2021. Isso indica uma queda acumulada de 88% em dois anos.

Em 2022, os dados registram expansão, mas ainda estão bastante aquém dos volumes registrados no período pré-pandemia. Em meados de 2022, o número de vôos internacionais alcançou uma cifra de 3,5 mil, o que dá um movimento equivalente a três-quartos do realizado em meados de 2019.

O número de turistas que ingressaram na França também caiu na pandemia, passando de 217,9 milhões em 2019 para 117,1 milhões em 2020. Em 2021, o número de turistas estrangeiros permaneceu relativamente baixo, mas os primeiros números do verão de 2022 mostram um movimento superior a 2019. Seja em desembarques, seja em ocupação da rede hoteleira. Mantido esse ritmo até o final do ano, 2022 registrará um volume maior ao período pré-pandemia.

Nos Estados Unidos se deu algo semelhante. A pandemia reduziu o número de turistas estrangeiros no país de 79 milhões em 2019 para menos de 19 milhões em 2020. Em 2021, contudo, o número de estrangeiros que ingressaram nos Estados Unidos para realizar turismo cresceu para cerca de 22 milhões e a expectativa é de que em 2022 haja uma recuperação de quase 60% nas entradas internacionais. Os dados do primeiro semestre mostraram o dobro de despesas realizadas em 2021 de estrangeiros no país, caminhando mais rapidamente em direção ao patamar pré-pandemia.

Vale destacar também que a posição do Brasil no *ranking* de turistas estrangeiros por habitante vinha piorando: em 2008 e 2013, o país havia ocupado respectivamente as 133<sup>a</sup> e 188<sup>a</sup> posições, conforme analisado no estudo “Retrato do turismo brasileiro: como superar o subdesenvolvimento setorial?” desenvolvido pela CNS. A pergunta que fica dessa avaliação é direta: com tantos eventos esportivos internacionais, investimentos em infraestrutura, expansão da rede hoteleira e tudo o mais, porque o Brasil está tão mal situado no cenário do turismo internacional? Essa e outras questões são o objeto do diagnóstico aprofundado nos próximos capítulos.

**TABELA 1.5**  
**SALDO DO TURISMO**  
**US\$ PER CAPITA, 2019**

Posição	País	Saldo por habitante
1	Macau	61.101,17
2	Andorra	22.334,28
3	Aruba	16.085,03
:	:	:
19	Grécia	1.752,73
20	Portugal	1.727,45
:	:	:
23	Irlanda	1.348,10
24	Fiji	1.315,80
25	Panamá	1.278,48
26	Porto Rico	1.130,98
:	:	:
31	Cabo Verde	836,46
:	:	:
39	Turquia	432,23
:	:	:
49	Itália	234,43
:	:	:
57	Estados Unidos	162,54
58	Japão	158,43
59	Tunísia	153,40
:	:	:
61	Namíbia	133,49
62	Tonga	125,36
63	México	106,19
64	Egito	104,97
65	Sri Lanka	102,14
:	:	:
76	Equador	36,72
77	Quênia	33,51
78	Peru	33,08
:	:	:
82	Etiópia	25,59
:	:	:
87	Ruanda	20,04
88	Suíça	18,66
:	:	:
→ 192	<b>Brasil</b>	<b>-71,32</b>
:	:	:
200	Romênia	-151,36

FONTE: Organização Mundial do Turismo.



2

# SALDO EXTERNO

---

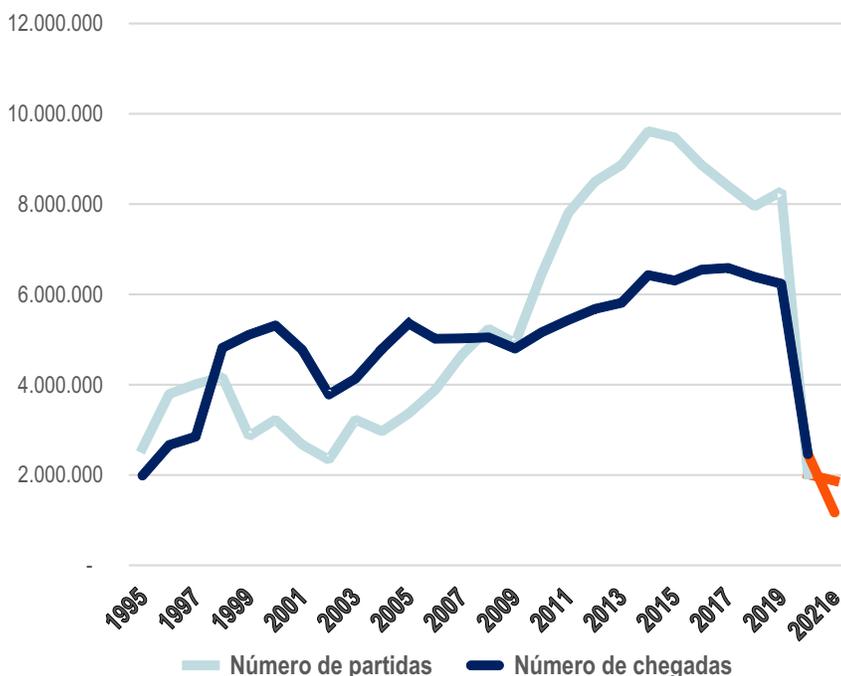
Em 2014, ano da Copa do Mundo, cerca de 6,4 milhões de estrangeiros ingressaram no Brasil. Naquele ano, houve crescimento de 10,6% em relação ao ano anterior. Em 2016, ano das Olimpíadas, o número de estrangeiros aproximou-se de 6,6 milhões. Passados mais três anos, o número de turistas que ingressaram no país foi de 6,2 milhões em 2019, número inferior à cifra de 2014, indicando retração de 3,0% de 2014 a 2019.

A pandemia prejudicou ainda mais o setor, trazendo para cerca de 600 mil o número de estrangeiros que entrou no país para realizar turismo. Esse quadro desalentador ainda permanece em 2022, com um número ainda muito pequeno de chegadas de voos internacionais, principal porta de entrada no Brasil. Até agosto de 2022, o número estrangeiros que ingressaram no país para realizar turismo representavam uma média mensal 200 mil, o que projeta um resultado anual de 50% do realizado em 2019.

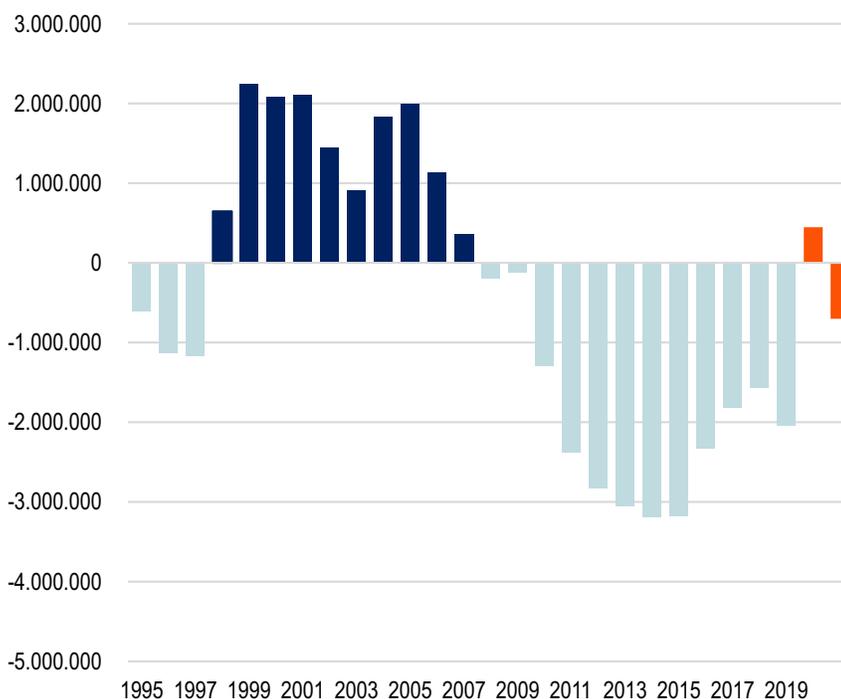
A implicação imediata desse fluxo reduzido foram as receitas do turismo internacional ainda pequenas relativamente ao que obteve em anos anteriores. Na média de mensal de 2022, as receitas brasileiras com o turismo foram de US\$ 400 milhões por mês (janeiro a maio) em média, valor 26% inferior à média mensal de US\$ 540 obtida em 2019.

*Cerca de dois-terços dos estrangeiros chegavam ao Brasil por via aérea. Na pandemia, essa participação caiu para 55%.*

**GRÁFICO 2.1**  
**CHEGADAS E PARTIDAS INTERNACIONAIS**  
**NO BRASIL, EM MILHÕES DE PESSOAS**



**GRÁFICO 2.2**  
**SALDO DO NÚMERO DE CHEGADAS**  
**EM RELAÇÃO ÀS PARTIDAS, BRASIL**



FONTES: Organização Mundial do Turismo, Polícia Federal e Banco Central do Brasil.

O número de brasileiros no exterior permaneceu acima de 7,8 milhões de 2011 a 2019, praticamente indiferentes às fortes flutuações cambiais. Assim, o número de turistas brasileiros no exterior superou entre 1,5 milhão e 3,5 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil. O saldo do turismo externo chegou a déficits superiores a US\$ 18,5 bilhões em 2013 e 2014. Em todos esses anos, exceto 2015, o saldo foi negativo em mais de US\$ 10 bilhões. Essas estatísticas revelam a baixa competitividade do país, a despeito da atratividade dos locais turísticos e da vocação para o turismo de negócios. Ademais, os números alertam que os desafios de superação desse quadro são tão grandes como o país.

O último ano com crescimento expressivo do crescimento do número de turistas estrangeiros no Brasil foi 2014, quando os ingressos cresceram 10,6% em relação ao ano anterior. A Copa do Mundo de futebol contribuiu para esse aumento, elevando para 6,4 milhões o número de ingressantes – 616 mil pessoas a mais do que em 2013. Essa taxa de expansão foi bem superior ao padrão histórico. Entre 1995 e 2013, a taxa média de crescimento do número de turistas estrangeiros no país foi de 6,1% ao ano e, entre 2010 e 2013, a taxa havia sido de apenas 4,0% ao ano.

Os dados mostram claramente que o aumento no ingresso de estrangeiros observado em 2014 ocorreu durante o período em que foi realizada a Copa do Mundo, quando entraram no país mais de 1 milhão de turista. A média mensal de ingressos em 2014 (exceto os ocorridos no mês de junho) era de 492 mil turistas, valor muito parecido ao da média (exceto junho) verificada em 2013, que foi de 497 mil turistas. Assim, pode-se atribuir à Copa do Mundo uma contribuição próxima a 670 mil turistas

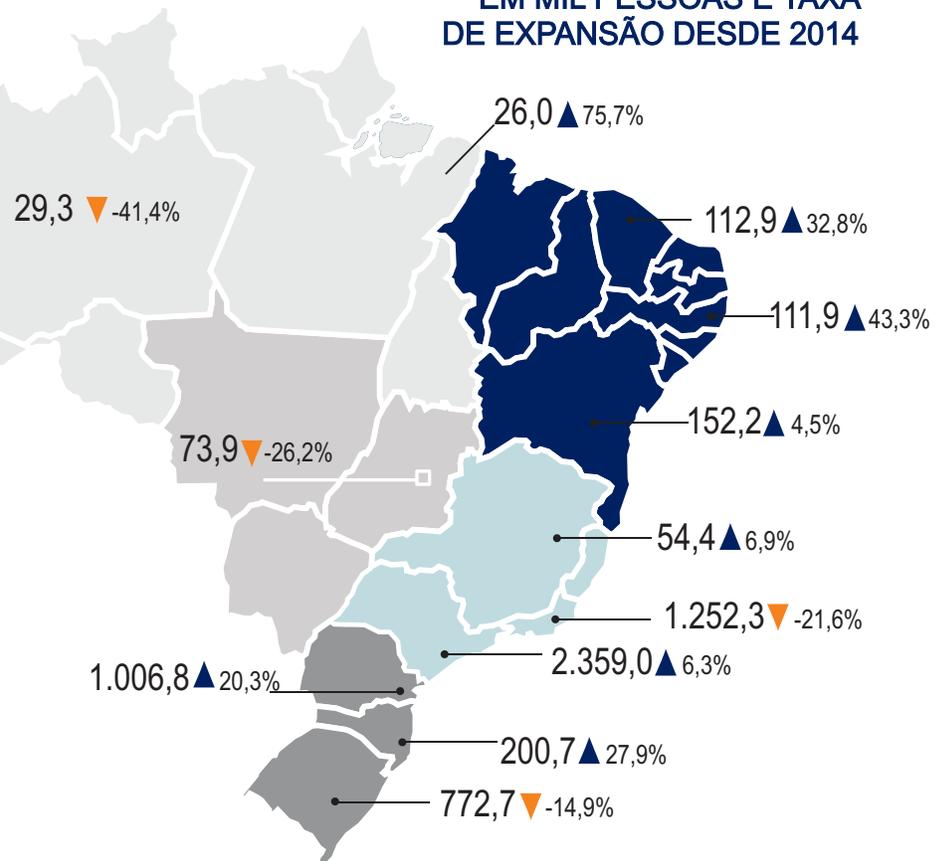
adicionais – a diferença entre os meses de junho de 2013 e 2014.

A evolução dos turistas por locais de chegada confirma essa ideia. Na maioria dos estados com cidades que foram sede de jogos da Copa do Mundo, houve crescimento forte do número de turistas estrangeiros. No Amazonas, por exemplo, o número de turistas passou de 32,9 mil em 2013 para 50,0 mil em 2014, com aumentos dos ingressos tanto por via aérea e como por via terrestre (Venezuela). Outros exemplos marcantes foram o Distrito Federal, com crescimento de 34,7% no ano, e Rio de Janeiro, cuja expansão foi de 32,3% em 2014. Mesmo São Paulo, estado que não apresentou crescimento do número de turistas estrangeiros entre 2013 e 2014, foi beneficiado pela Copa. Durante o mês de junho, o ingresso de turistas estrangeiros cresceu 118%, passando de 162 mil em 2013 para 352 mil em 2014.

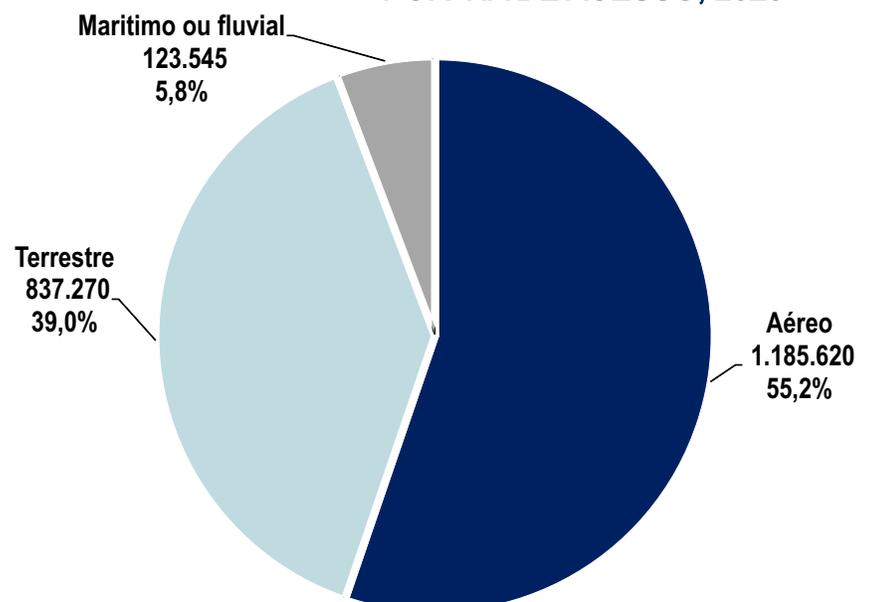
Os dados do Mapa 2.1 revelam que várias unidades da Federação perderam atratividade externa de 2014 a 2019. Comparados os dados de 2014 e 2019, observa-se que o Amazonas registrou queda de 41,4% do número de turistas estrangeiros, o Distrito Federal verificou retração de 26,2%, o Rio de Janeiro perdeu 21,6% e o Rio Grande do Sul sofreu redução de 14,9%. Distrito Federal e Rio Grande do Norte perderam mais de 26%. Esses movimentos anularam os aumentos observados em São Paulo, Ceará, Pernambuco, Paraná e Santa Catarina nesses cinco anos.

Estima-se que o número de turistas brasileiros que foram ao exterior em 2019 caiu 13,9% em relação a 2014; 1,3 milhão de pessoas a menos. Ainda assim, o número de brasileiros que

**MAPA 2.1**  
**CHEGADAS DE TURISTAS AO BRASIL**  
**EM 2019, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO**  
**EM MIL PESSOAS E TAXA**  
**DE EXPANSÃO DESDE 2014**

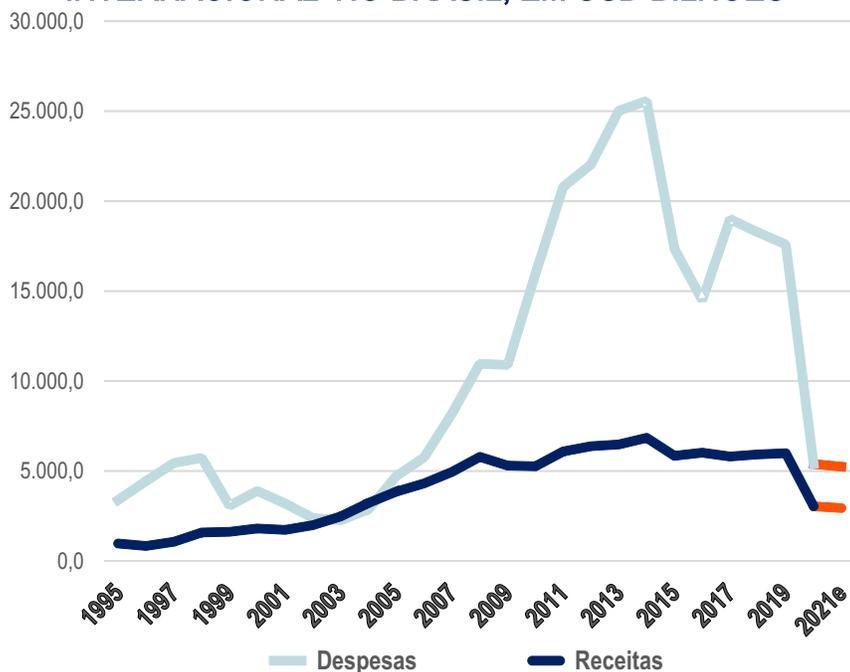


**GRÁFICO 2.3**  
**CHEGADAS DE TURISTAS AO BRASIL,**  
**POR VIA DE ACESSO, 2020**

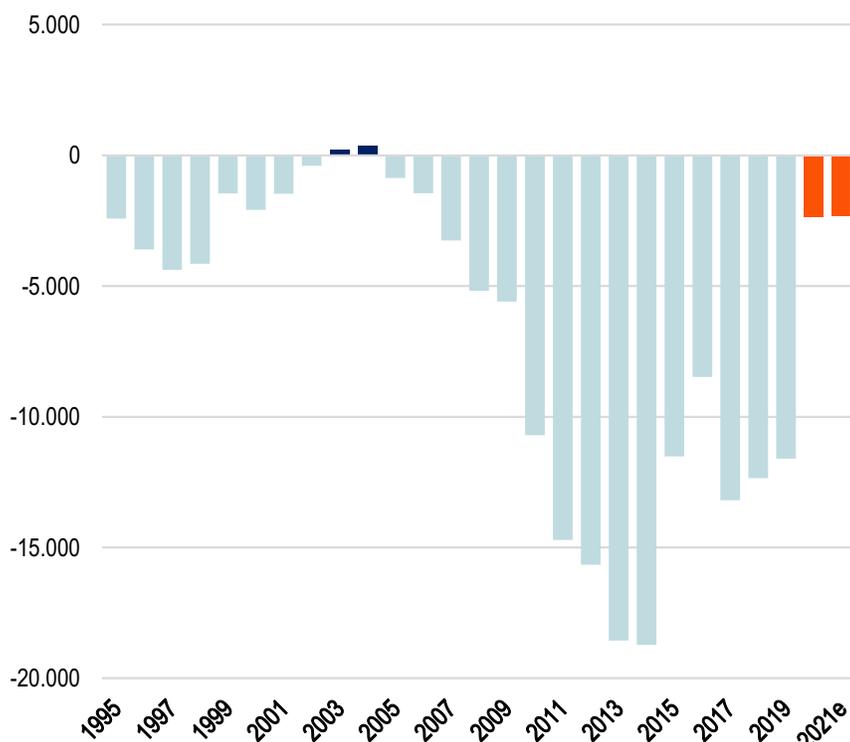


FONTE: Polícia Federal.

**GRÁFICO 2.4**  
**RECEITAS E DESPESAS COM TURISMO**  
**INTERNACIONAL NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



**GRÁFICO 2.5**  
**SALDO DO TURISMO INTERNACIONAL**  
**NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



FONTE: Banco Central do Brasil.

viajaram ao exterior suplantou em mais de 2,0 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil em 2019. Isso reafirma que o crescimento histórico das saídas internacionais de brasileiros é bastante elevado. Entre 1995 e 2019, a expansão foi de 4,9% ao ano, taxa semelhante ao ritmo de crescimento do número de turistas estrangeiros no país. Por isso, não se reverteu o déficit de turistas no país.

A pandemia causou um choque gigantesco nesse mercado. O número de brasileiros que foram ao exterior caiu de 8,3 milhões em 2019 para 1,9 milhão em 2021. Já o número de estrangeiros que vieram realizar turismo no Brasil reduziu-se 6,2 milhões para 1,2 milhões entre 2019 e 2021. O déficit caiu, mas ainda ficou negativo em 700 mil turistas.

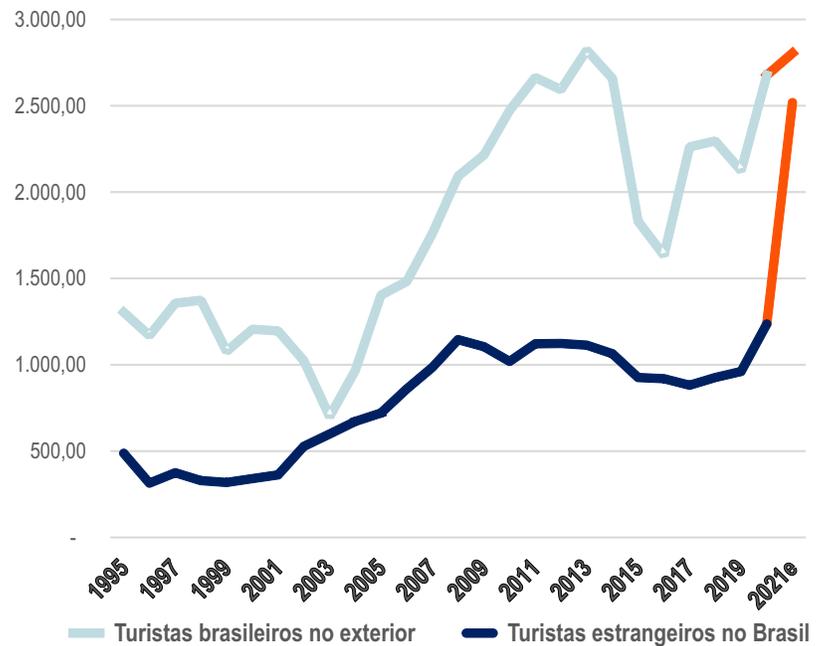
Do ponto de vista do fluxo de divisas, as despesas brasileiras com o turismo internacional também têm sido sistematicamente maiores do que as receitas. Em 2019, as despesas internacionais de brasileiros com o turismo somaram US\$ 17,6 bilhões. Esse valor superou em USD 14,2 bilhões as despesas realizadas em 1995, indicando crescimento de 7,1% ao ano. As receitas com os estrangeiros que visitaram o país ficaram em US\$ 6,0 bilhões, indicando crescimento de 7,9% ao ano desde 1995.

Com isso, o déficit da balança de turismo alcançou a cifra de US\$ 11,6 bilhões em 2019. É importante notar que o déficit passou a crescer de forma acentuada a partir de 2005 até o ano de 2014, período que coincide com a recuperação da atividade econômica e a valorização do real. Após 2014, com a desvalorização do real e a recessão, o déficit do turismo internacional brasileiro caiu, mas ainda se manteve acima de US\$ 11 bilhões entre 2017 e 2019.

A combinação do crescimento econômico mundial com o aumento de custos internacionais do turismo entre 1995 e 2014 se refletiu na evolução das despesas por turista. As despesas por turista estrangeiro no Brasil registraram crescimento de 4,2% ao ano entre 1995 e 2014, passando de US\$ 488 para US\$ 1.064, respectivamente. Vale destacar, contudo, que a despesa por turista em 2019 (US\$ 944) foi menor que a registrada em 2014. Isso foi consequência da mudança de perfil ocorrida dos turistas estrangeiros que vieram ao Brasil nesse ano.

As despesas por turista brasileiro no exterior cresceram num ritmo ligeiramente menor ao das receitas: 3,8% ao ano entre 1995 e 2014. Elas também caíram entre 2014 e 2019, ficando em US\$ 2.124 por turista. Contudo, em termos absolutos elas foram 2,2 vezes as despesas dos turistas estrangeiros no Brasil, que foi de US\$ 961 de despesa per capita. O fato de o brasileiro gastar mais no exterior do que o estrangeiro

**GRÁFICO 2.6**  
**DESPESA MÉDIA POR TURISTA,**  
**EM USD PER CAPITA**

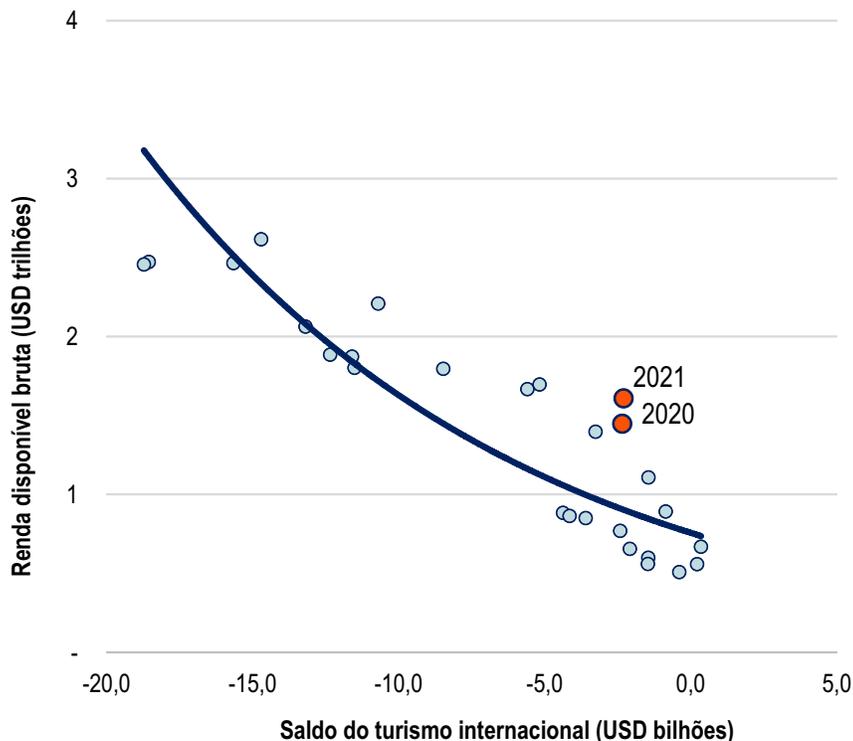


FONTES: Organização Mundial do Turismo, Polícia Federal e Banco Central do Brasil.

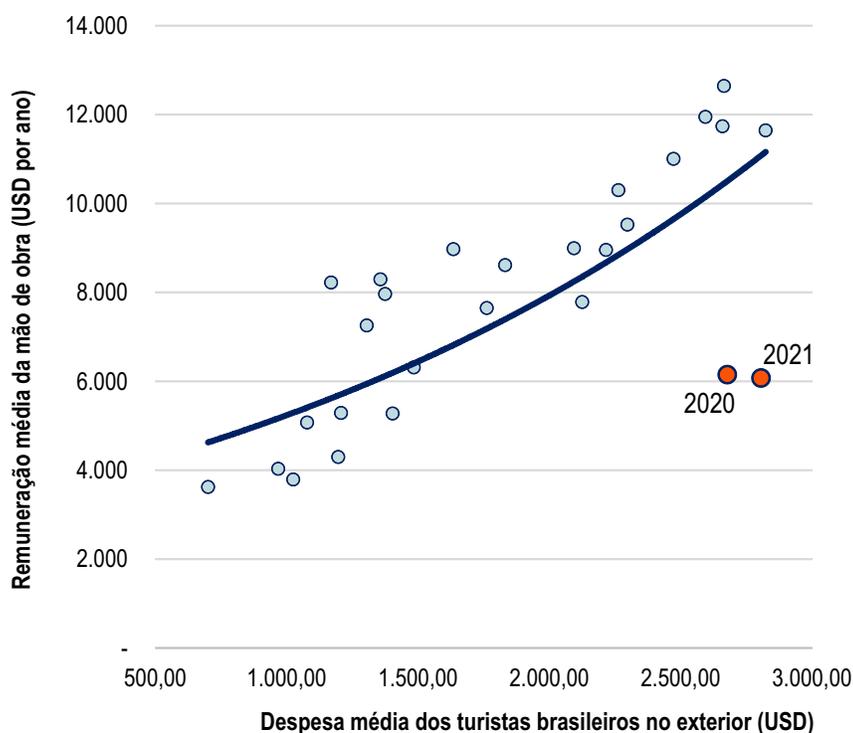
*Via fluvial ou marítima  
representa apenas 5,8%  
das chegadas de turistas  
no Brasil*



**GRÁFICO 2.7**  
**SALDO DO TURISMO INTERNACIONAL DO BRASIL**  
**E RENDA DOS BRASILEIROS - 1995 A 2021**



**GRÁFICO 2.8**  
**DESPESA MÉDIA DOS TURISTAS BRASILEIROS**  
**E RENDA DOS BRASILEIROS - 1995 A 2021**



FONTES: Organização Mundial do Turismo, Polícia Federal e Banco Central do Brasil.

gasta no Brasil pode ser explicado pelo perfil dos turistas que entram e que saem do país.

O comportamento das despesas é explicado pela evolução da renda e do câmbio. A retomada do crescimento econômico no país até 2014 se deu com a ascensão social de camadas da população. Isso e a ampliação do crédito conduziram a classe média brasileira às viagens internacionais. De fato, como ilustram os dados do Gráfico 2.5, o aumento da despesa média dos turistas brasileiros no exterior está positivamente associado à expansão da remuneração média da mão de obra brasileira em dólares. Assim, com salário médio crescente e emprego em ascensão, a renda disponível do brasileiro se elevou de forma considerável, ampliando a despesa média e o número de brasileiros que viajaram ao exterior. A relação entre a renda disponível e o saldo da balança de turismo brasileira é apresentada no Gráfico 2.6.

Ao fator cambial, somaram-se outros fatores que explicam a diferença do perfil das despesas dos brasileiros no exterior e dos estrangeiros no Brasil. O brasileiro tem hábito de fazer compras no exterior, ao passo que os estrangeiros não enxergam essa vantagem, com exceção do turismo de fronteira em algumas regiões do Brasil. Além disso, é maior a participação das empresas aéreas estrangeiras na oferta de assentos ligando o Brasil ao exterior. Esses dois fatores ajudam a compreender o saldo negativo de US\$ 7 bilhões em média com cartões de crédito no exterior entre 2010 e 2014. Apesar a desvalorização cambial ocorrida desde então, o saldo continuava negativo em US\$ 4,5 bilhões em 2019.

Vale mencionar, por fim, que as opções de turismo de lazer no exterior são bem mais qualificadas que no Brasil, com

uma variedade grande de destinos com atrações históricas, de recursos naturais, de compras e de cultura. Essas atrações têm padrões mais elevados que os brasileiros e a infraestrutura de turismo é, também, mais sofisticada, possibilitando que esses locais obtenham uma renda maior dos brasileiros do que o turismo brasileiro é capaz de obter de renda dos estrangeiros.

A pandemia quebrou rapidamente esse padrão, ao selecionar um grupo mais seletivo de pessoas no trânsito internacional. Os fluxos caíram de forma intensa e se concentraram no turismo de negócios. Devido à redução drástica da entrada de turistas dos países vizinhos no Brasil, as estatísticas de 2020 e 2021 apontaram para um aumento expressivo da despesa média dos estrangeiros, que saltou dos US\$ 961 por turista para US\$ 2.518 por turista. A despesa média dos

brasileiros em viagens internacionais também cresceu, atingindo US\$ 2.805 por turista em 2021.

Nesse contexto, é importante criar opções para que o turista brasileiro se sinta mais atraído por fazer turismo no Brasil, anulando diferenças de custo e acesso ao crédito. Paralelamente, é preciso trazer mais turistas estrangeiros em uma atividade mais qualificada, que implique o aumento do gasto durante sua estadia. Portanto, o que está em jogo é a competitividade, ou seja, oferecer serviços de qualidade a custo competitivo, bem como a qualificação dos serviços, ou seja, aprimorar a estrutura do negócio turismo no Brasil, oferecendo atividades mais sofisticadas que, apesar de mais caras, são também mais valorizadas pelos turistas.

*4,3 milhões de turistas desembarcaram nos aeroportos brasileiros em 2019. Em 2020, foram apenas 1,2 milhão.*



3

---



# TURISMO DE LAZER

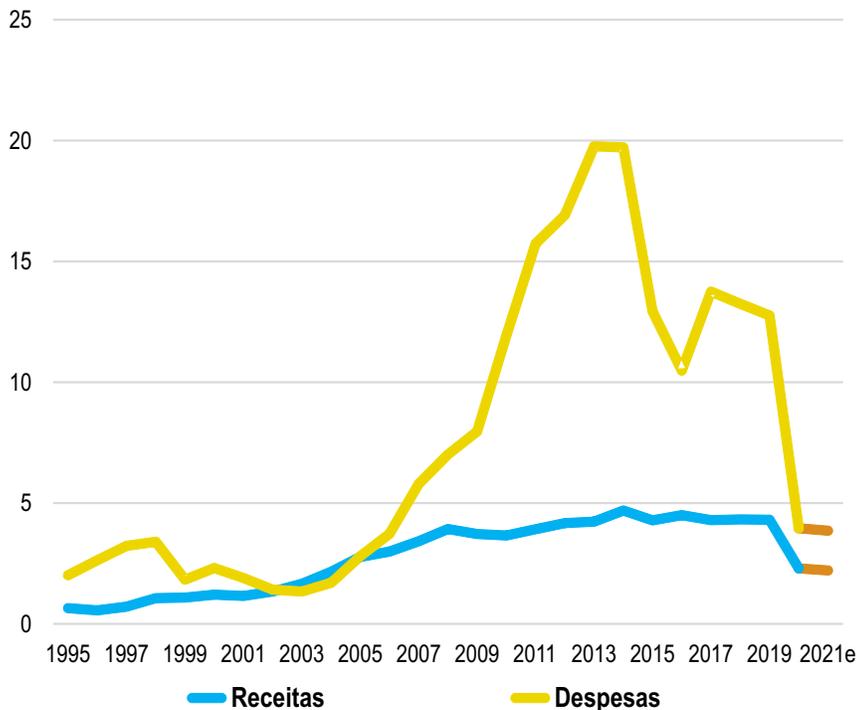
---

O turismo de lazer no Brasil enfrenta desafios imensos no seu horizonte: barreiras de distância, atrativos de destinos concorrentes e problemas estruturais de competitividade. Apesar da maior entrada de turistas estrangeiros em 2013 e 2014, o turismo de lazer chegou a apresentar déficits de mais de US\$ 15 bilhões.

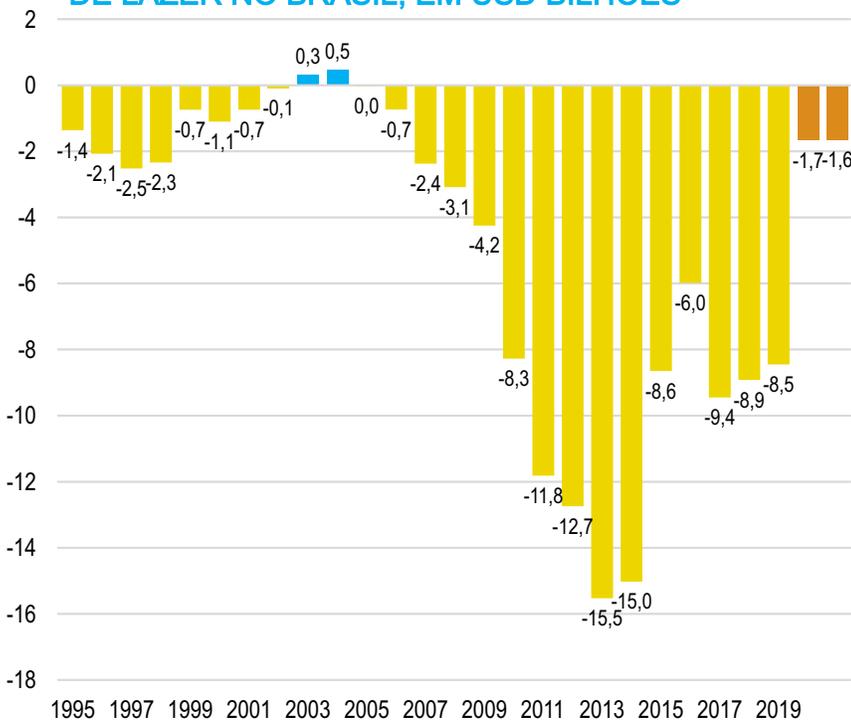
A desvalorização cambial encareceu os destinos externos para os brasileiros, aumentando as vantagens do turismo doméstico. Contudo, a evolução do câmbio não foi suficiente para tornar os destinos brasileiros tão mais baratos que outros concorrentes para atrair mais turistas estrangeiros. Assim, além da competição pelo conteúdo histórico, ambiental e cultural dos destinos, e pela oferta de opções criativas de entretenimento, o turismo brasileiro enfrenta o desafio de se adaptar a um padrão mais eficiente de custos.

A pandemia reduziu entradas e saídas e receitas e despesas, mas o déficit permaneceu negativo em mais de US\$ 1,6 bilhão. Alimentação cara e hospedagem pouco competitiva ainda impõem severos limites ao país.

**GRÁFICO 3.1**  
**RECEITAS E DESPESAS COM O**  
**TURISMO INTERNACIONAL DE LAZER**  
**NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



**GRÁFICO 3.2**  
**SALDO DO TURISMO INTERNACIONAL**  
**DE LAZER NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



FONTE: Banco Central do Brasil.

As despesas dos brasileiros no exterior têm superado amplamente as receitas com os estrangeiros que visitaram o Brasil no caso das viagens internacionais de turismo de lazer. Antes da pandemia, as despesas internacionais dos brasileiros com o turismo de lazer atingiram o patamar de US\$ 12,8 bilhões. Já as receitas totalizaram apenas US\$ 4,3 bilhões, implicando um déficit de US\$ 8,5 bilhões em 2019. Esse déficit, cuja evolução está ilustrada nos Gráficos 3.1 e 3.2, representou 73% do déficit total (lazer e negócios) das viagens internacionais do país em 2019.

A explosão do déficit deu-se de forma intensa entre 2006, ano em que se iniciou um processo de valorização da moeda brasileira com crescimento intenso da renda do trabalho, e 2014, ano que começaram as desvalorizações do real. Entre 2005 e 2014, as despesas dos brasileiros com viagens internacionais de lazer cresceram ao ritmo alucinante de 24,2% ao ano. Nesse período, a remuneração média do brasileiro cresceu 9,3% ao ano em dólares e a força de trabalho ocupada verificou expansão de 1,9%. Conjugados, os dois movimentos deram um aumento de 11,3% ao ano da renda do trabalho no país ao longo desses nove anos.

No mesmo período, as receitas com viagens internacionais observaram expansão de apenas 6,0% ao ano. Essa taxa foi aproximadamente igual à soma das taxas de crescimento do número de turistas estrangeiros no mundo (3,0% ao ano) com o crescimento médio do PIB mundial (3,2% ao ano). Isso indica que a sensibilidade das receitas brasileiras ao crescimento da renda no resto do mundo foi notadamente menor que a sensibilidade das despesas com turismo de lazer dos brasileiros em relação à expansão de sua remuneração.

Além de refletir a diferença entre o crescimento da renda dos brasileiros e do resto do mundo nesse período, dois outros fatores pesaram para esse resultado: o aumento do crédito no Brasil e a falta de competitividade dos destinos turísticos brasileiros. Como foi apontado no relatório sobre o turismo da CNS realizado em 2011, ano em que o real estava fortemente valorizado – taxa média de câmbio de R\$/US\$ 1,675 –, os destinos brasileiros estavam muito pouco competitivos na perspectiva dos estrangeiros.

Em 2015, já com um câmbio menos favorável, o déficit foi menor, mas ainda assim elevado. Desde então, o câmbio se desvalorizou sucessivas vezes, reduzindo as despesas dos brasileiros no exterior. Contudo, o impacto da desvalorização foi quase nulo em termos de estímulo ao aumento das exportações de serviços de turismo, que ficaram estagnados na casa de US\$ 4 bilhões por ano.

A pandemia reduziu entradas e saídas e receitas e despesas, mas o déficit permaneceu negativo em mais de US\$ 1,6 bilhão.

Os dados levantados em sites de compra de passagens aéreas de diversas companhias e em sites de reserva de reservas em hotéis indicavam fortes desvantagens do turismo brasileiro em relação a rotas alternativas. Um caso analisado na época, e que é bastante ilustrativo, enfocava a avaliação de um casal de Zurique, Suíça, com relação aos custos de passar o Réveillon de 2012 fora de casa. Eles consideram as opções de Nova York e Rio de Janeiro, duas cidades com festas de final de ano famosas. Foi orçado o custo básico de uma viagem breve, de 4 dias e 3 noites, entre os dias 29 de dezembro de 2011 e 02 de janeiro de 2012. Conforme as cotações realizadas, a viagem de Zurique ao Rio de Janeiro sairia entre 36,7% e 51,6% mais cara que uma viagem da mesma origem para Nova Iorque, a depender da categoria de hotel escolhida pelos turistas. Em dólares, a diferença poderia ser de aproximadamente US\$ 475 por dia para os dois passageiros.

O caso do casal suíço refletia, além da valorização cambial, o problema da distância do Brasil em relação aos principais países de residência dos turistas. Sem dúvida isso é uma das barreiras ao progresso do turismo no país. Esse problema era corroborado pelo

caso de um casal de japoneses habitantes em Tóquio que compararam preços de vir a Fortaleza, no Brasil, ou ir a Bali, na Indonésia, para uma viagem de 12 dias e 11 noites. O levantamento mostrou que o custo do transporte aéreo afugentava o turista japonês do Brasil: a passagem Tóquio-Fortaleza sai 296,2% mais cara. Mesmo a possibilidade de ficar em hotéis mais baratos no país não compensava essa diferença. Por conta da maior distância, o destino brasileiro ficaria no mínimo 53,5% mais caro que o destino na Indonésia.

Outro exemplo levantado à época revelava que a distância não era o único problema. O caso de um casal chileno comparando Natal com Cancún para uma viagem de 7 dias e 6 noites em 15 de janeiro de 2012 revelou a questão do preço dos hotéis. A passagem área de Santiago a Natal era 6,2% mais barata, mas os hotéis saíam entre 34% e 79% mais caros no destino brasileiro. Além de ficar entre US\$ 200 e US\$ 400 mais cara que a viagem para Cancún, a viagem para o Brasil deveria concorrer com as atrações históricas e de entretenimento da península de Yucatán.

Um novo levantamento realizado para este relatório mostrou que a mudança do câmbio teve efeitos importantes na avaliação comparativa de destinos, mas a competitividade brasileira ainda é limitada. Tomando por referência o primeiro caso citado acima, do casal de suíços avaliando opções de Réveillon, as cotações para uma viagem de 7 dias e 6 noites em 2022 mostram que as diferenças de custos entre vir ao Rio de Janeiro em relação à opção de ir a Nova Iorque caíram em razão da desvalorização do real. Hoje já seria mais caro para o casal passar o final de ano em Nova Iorque do que no Rio de Janeiro. Contudo, o custo de passagem e hospedagem para o Rio de Janeiro ainda é muito elevado, variando de US\$ 880,00 a US\$ 1,1 mil por dia de viagem, o que limita o número de turistas que têm renda para bancar uma viagem desse custo.

No novo levantamento, Fortaleza continua sendo um destino muito mais caro que Bali para os turistas japoneses, assim como para um casal de portugueses, Belém continua sendo um destino mais caro que a África do Sul para o turista de Detroit (exceto aquele que busca um hotel 5 estrelas). Salvador continuou sendo um destino muito mais caro que as ilhas Canárias para um casal de portugueses.

# OS DESTINOS BRASILEIROS NA ÓTICA DE CINCO TURISTAS ESTRANGEIROS

## FORTALEZA x BALI

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Tóquio, despesa para duas pessoas em US\$.



		Fortaleza	Bali	Diferença
Hotel	***	976,51	449,66	117,2%
	****	1.062,71	693,96	53,1%
	*****	2.684,64	1.235,42	117,3%
Passagem		4.669,65	2.637,96	77,0%
Hotel + Passagem	***	<b>10.315,81</b>	<b>5.725,58</b>	<b>80,2%</b>
	****	<b>10.402,01</b>	<b>5.969,87</b>	<b>74,2%</b>
	*****	<b>12.023,94</b>	<b>6.511,33</b>	<b>84,7%</b>

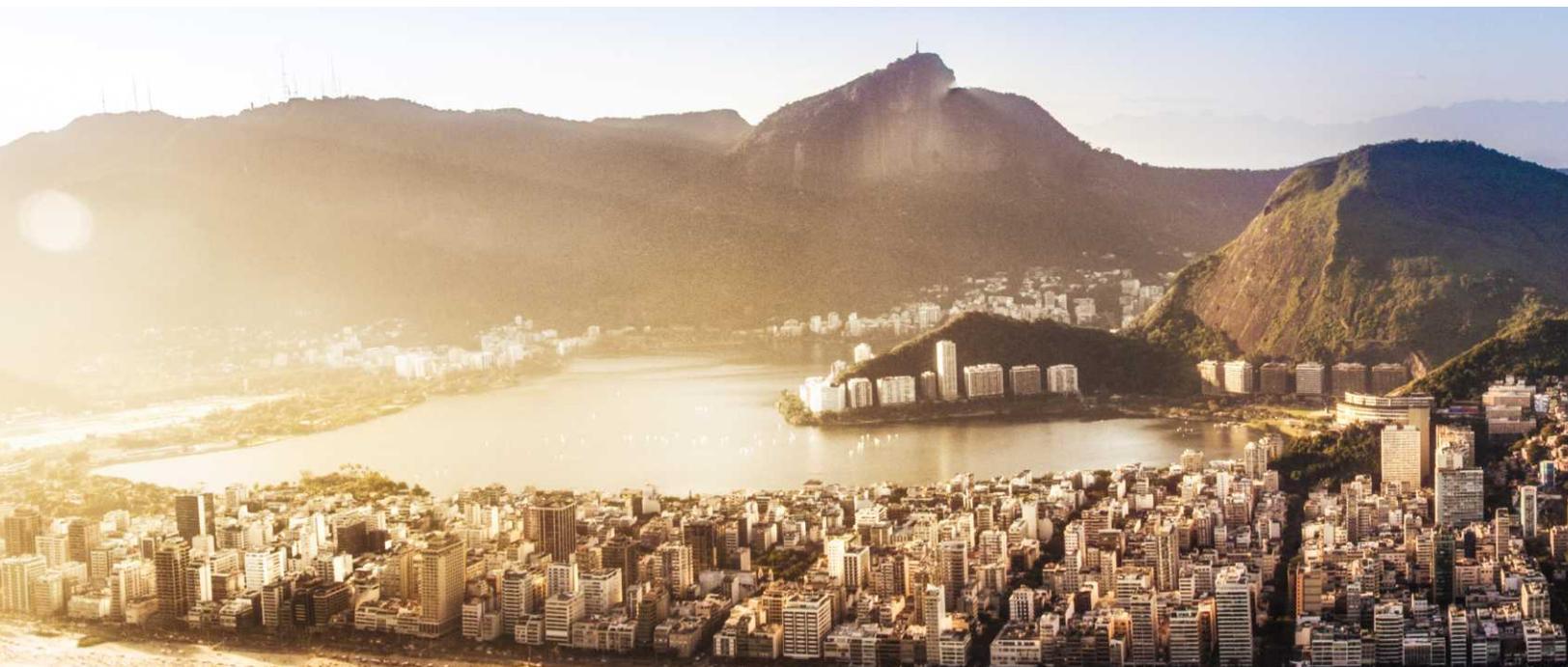
## BELÉM x ÁFRICA DO SUL

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Detroit, despesa para duas pessoas em US\$.



		Belém	África do Sul	Diferença
Hotel	***	303,73	726,06	-58,2%
	****	390,08	1.263,39	-69,1%
	*****	727,82	3.501,49	-79,2%
Passagem		6.754,91	6.142,18	10,0%
Hotel + Passagem	***	<b>13.813,55</b>	<b>13.010,43</b>	<b>6,2%</b>
	****	<b>13.899,90</b>	<b>13.547,75</b>	<b>2,6%</b>
	*****	<b>14.237,63</b>	<b>15.785,86</b>	<b>-9,8%</b>

FONTE: Pesquisas em sites de reserva de hotéis e de companhias aéreas feitas em setembro de 2022.



## SALVADOR x ILHAS CANÁRIAS

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Lisboa, despesa para duas pessoas em US\$.



		Salvador	Canárias	Diferença
Hotel	★ ★ ★	743,92	861,60	-13,7%
	★ ★ ★ ★	1.143,03	721,85	58,3%
	★ ★ ★ ★ ★	1.480,61	2.266,59	-34,7%
Passagem		3.980,86	747,45	432,6%
Hotel + Passagem	★ ★ ★	<b>8.705,64</b>	<b>2.356,50</b>	<b>269,4%</b>
	★ ★ ★ ★	<b>9.104,75</b>	<b>2.216,75</b>	<b>310,7%</b>
	★ ★ ★ ★ ★	<b>9.442,33</b>	<b>3.761,50</b>	<b>151,0%</b>

## NATAL x CANCÚN

Custo de uma viagem de 7 dias e 8 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Santiago, despesa para duas pessoas em US\$.



		Natal	Cancún	Diferença
Hotel	★ ★ ★	709,92	797,09	-10,9%
	★ ★ ★ ★	1.453,91	3.842,80	-62,2%
	★ ★ ★ ★ ★	2.709,25	4.024,09	-32,7%
Passagem		1.944,20	2.329,60	-16,5%
Hotel + Passagem	★ ★ ★	<b>4.598,31</b>	<b>4.685,48</b>	<b>-1,9%</b>
	★ ★ ★ ★	<b>5.342,31</b>	<b>7.731,20</b>	<b>-30,9%</b>
	★ ★ ★ ★ ★	<b>6.597,64</b>	<b>7.912,48</b>	<b>-16,6%</b>

## RIO DE JANEIRO x NOVA IORQUE

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem na Suíça, despesa para duas pessoas em US\$.

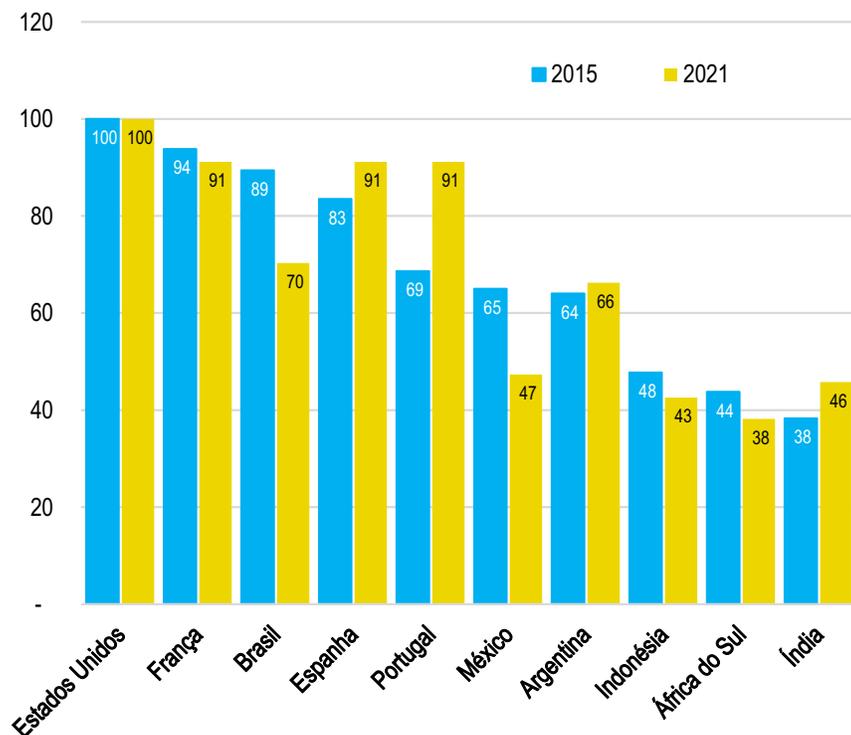


		Rio de Janeiro	Nova Iorque	Diferença
Hotel	★ ★ ★	981,80	3.283,22	-70,1%
	★ ★ ★ ★	1.522,00	3.673,75	-58,6%
	★ ★ ★ ★ ★	2.422,97	6.014,77	-59,7%
Passagem		2.579,54	1.435,37	79,7%
Hotel + Passagem	★ ★ ★	<b>6.140,89</b>	<b>8.442,31</b>	<b>-27,3%</b>
	★ ★ ★ ★	<b>6.681,08</b>	<b>8.832,84</b>	<b>-24,4%</b>
	★ ★ ★ ★ ★	<b>7.582,05</b>	<b>11.173,85</b>	<b>-32,1%</b>

Rio de Janeiro, RJ



**GRÁFICO 3.3**  
**CUSTO RELATIVO DA ALIMENTAÇÃO**  
**ÍNDICE ESTADOS UNIDOS = 100**  
**US\$ POR UNIDADE, JULHO DE 2021**



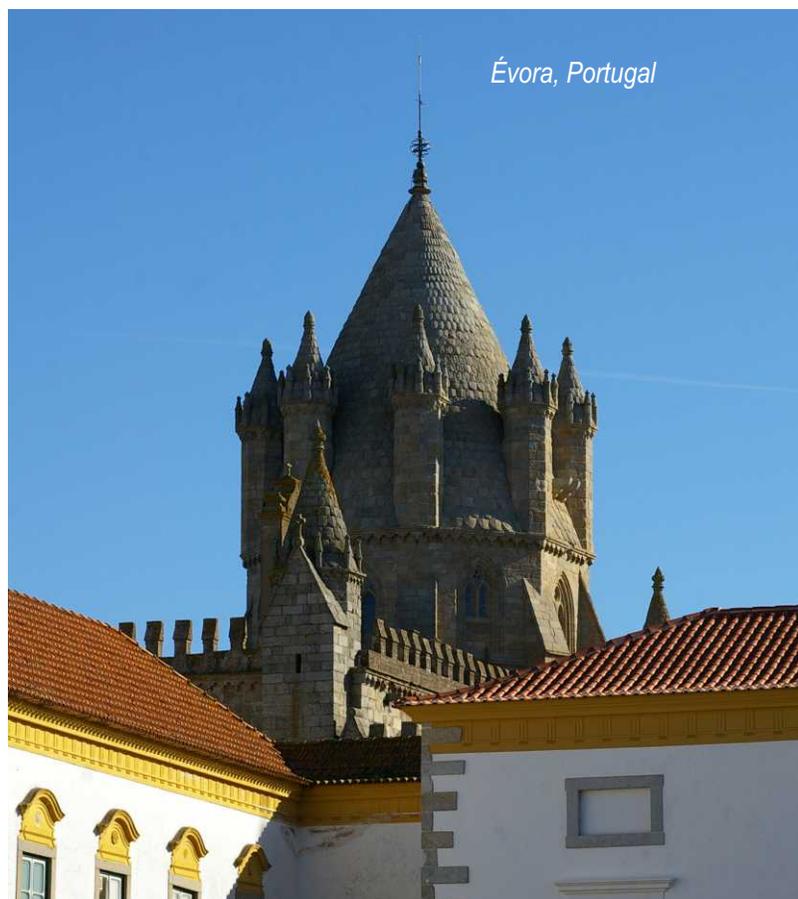
FONTE: Preço do Big Mac. The Economist.

*Além dos destinos alternativos para quem busca sol e mar, o turismo brasileiro tem que concorrer com uma disputa acirrada com locais de elevada atratividade histórica, ambiental, e cultural. As mais belas cidades coloniais brasileira, como Ouro Preto, por exemplo, enfrentam fortíssimos concorrentes na Europa, como Évora (Portugal), e na América Latina – México e Peru, para citar apenas dois. Compras, entretenimento e aventura são outras dimensões complicadas dessa equação. Todas requerem infraestrutura desenvolvida, organização e divulgação.*

Ouro Preto, Brasil



Évora, Portugal



# OS DESTINOS BRASILEIROS NA ÓTICA DE TRÊS TURISTAS BRASILEIROS

## SERRAS GAÚCHAS x BARILOCHE

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em São Paulo, despesa para duas pessoas em US\$.



		Serra Gaúcha	Bariloche	Diferença
Hotel	★★★	1.141,16	1.156,90	-1,4%
	★★★★	1.558,02	1.442,51	8,0%
	★★★★★	2.514,02	5.322,15	-52,8%
Passagem		234,22	651,50	-64,0%
Hotel + Passagem	★★★	<b>1.609,59</b>	<b>2.459,91</b>	<b>-34,6%</b>
	★★★★	<b>2.026,45</b>	<b>2.745,51</b>	<b>-26,2%</b>
	★★★★★	<b>2.982,45</b>	<b>6.625,16</b>	<b>-55,0%</b>

## OURO PRETO x ÉVORA

Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Salvador, despesa para duas pessoas em US\$.



		Ouro Preto	Évora	Diferença
Hotel	★★★	694,51	513,83	35,2%
	★★★★	842,28	1.256,60	-33,0%
	★★★★★	1.232,29	1.262,58	-2,4%
Passagem		439,72	1.556,61	-71,8%
Hotel + Passagem	★★★	<b>1.573,95</b>	<b>3.627,06</b>	<b>-56,6%</b>
	★★★★	<b>1.721,73</b>	<b>4.369,82</b>	<b>-60,6%</b>
	★★★★★	<b>2.111,73</b>	<b>4.375,81</b>	<b>-51,7%</b>

## MACEIÓ x ARUBA

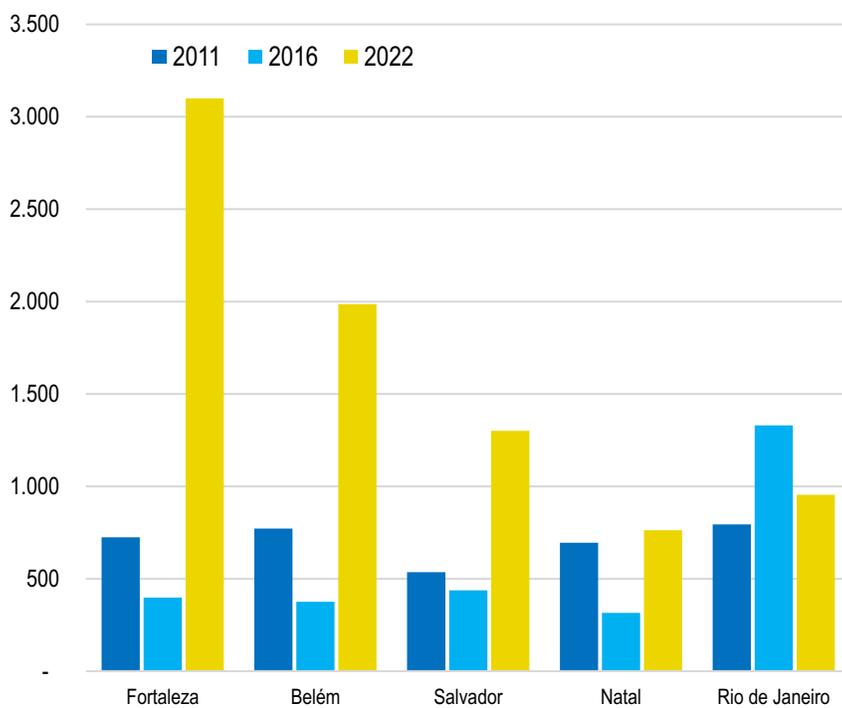
Custo de uma viagem de 8 dias e 7 noites em 26 de dezembro de 2022, origem em Belo Horizonte, despesa para duas pessoas em US\$.



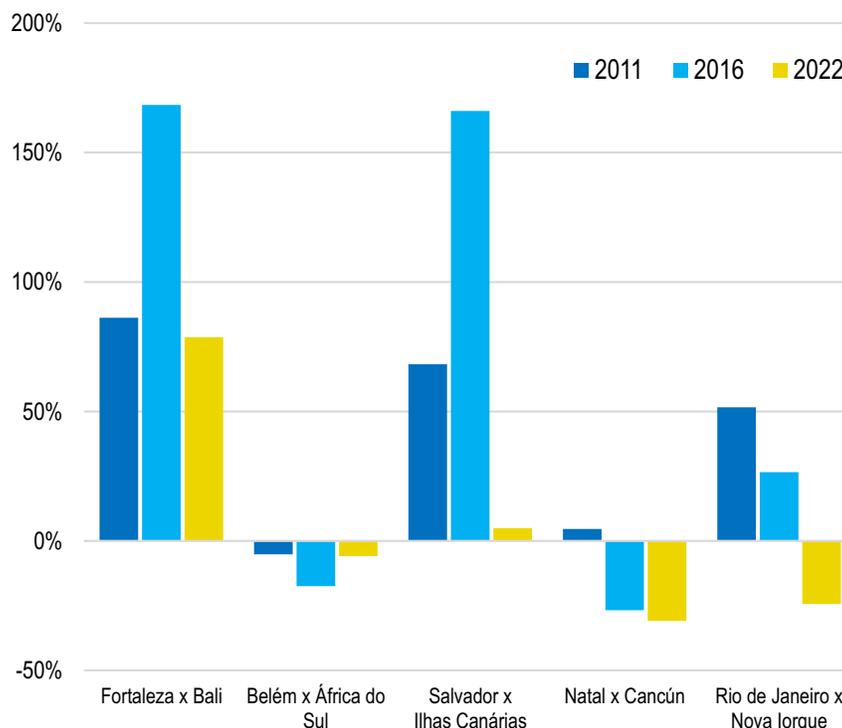
		Maceió	Aruba	Diferença
Hotel	★★★	1.142,58	1.156,30	-1,2%
	★★★★	1.920,95	4.962,86	-61,3%
	★★★★★	2.105,29	8.994,41	-76,6%
Passagem		534,86	1.736,52	-69,2%
Hotel + Passagem	★★★	<b>2.212,30</b>	<b>4.629,33</b>	<b>-52,2%</b>
	★★★★	<b>2.990,68</b>	<b>8.435,89</b>	<b>-64,5%</b>
	★★★★★	<b>3.175,02</b>	<b>12.467,44</b>	<b>-74,5%</b>

FONTE: Pesquisas em sites de reserva de hotéis e de companhias aéreas feitas em setembro de 2022.

**GRÁFICO 3.4**  
CUSTO\* DIÁRIO DOS  
DESTINOS NO BRASIL EM US\$



**GRÁFICO 3.5**  
CUSTO\* NO BRASIL EM RELAÇÃO  
AO DESTINO ALTERNATIVO (%), US\$



FONTE: Pesquisas em sites de viagem e de companhias aéreas feitas entre junho e julho de 2015, em janeiro de 2021 e em setembro de 2022.

(\*) Hotéis 4 estrelas e passagem para 2 pessoas.

De fato, a desvalorização cambial da moeda brasileira mudou o cenário apenas nas comparações com destinos que são mais distantes que o Brasil para os turistas. Na comparação entre Natal e Cancún, um destino mais distante para um casal de Santiago do Chile, a desvalorização trouxe o custo final do destino brasileiro para baixo do custo de ir ao México – de um custo aproximadamente 5% mais elevado em janeiro de 2012, para um custo que pode ficar 30% mais barato em 2022.

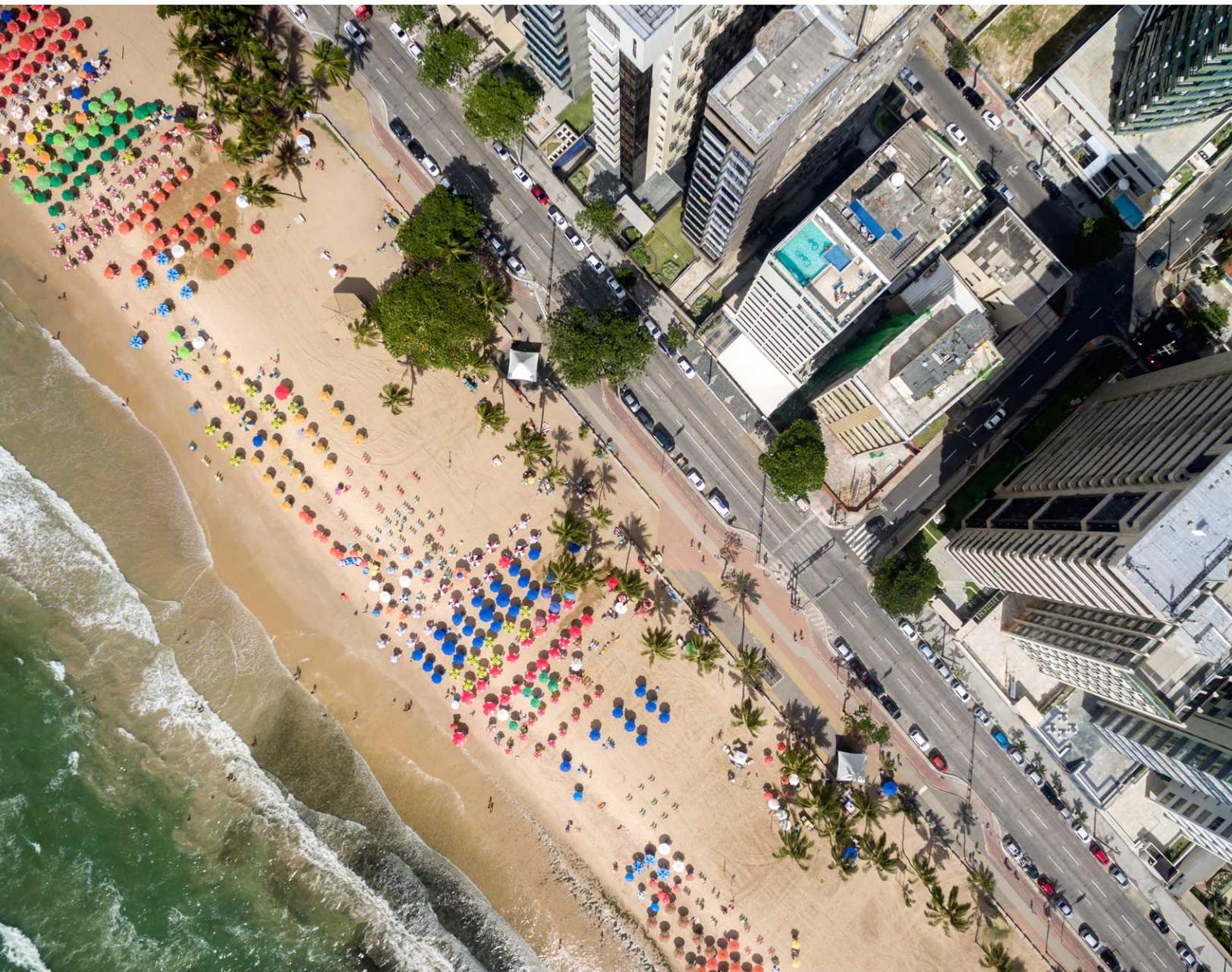
Além do fato de haver desvantagens de preços de hotéis em algumas comparações de destinos, o turismo brasileiro enfrenta um problema de custos no setor de alimentação. Conforme ilustra o Gráfico 3.3, o custo em dólares da alimentação no Brasil ainda está caro relativamente a outros países em desenvolvimento (África do Sul, México, Indonésia ou Índia). Na comparação com outros nove destinos, escolhidos com base nos casos analisados neste e no próximo capítulo, a alimentação só é mais cara nos Estados Unidos e nos países da União Europeia. Destinos turísticos latino-americanos de lazer tinham custos em dólares mais baixos em julho de 2022, isso sem falar nos destinos asiáticos, os quais eram extremamente atrativos em termos gerais de custos. Nesse aspecto pesam os diferenciais de custos com a mão de obra e de estrutura tributária sobre esse tipo de serviços em cada país.

Assim, a distância e o custo de alimentação ainda pesam desfavoravelmente ao país na ótica dos turistas estrangeiros, mesmo após a desvalorização. Contudo, a mudança na taxa de câmbio favoreceu enormemente os destinos brasileiros no que diz respeito aos turistas com origem no próprio país, porque ficou muito mais caro ir ao exterior.

Na análise desenvolvida pela CNS no relatório de 2011, com cotações para o primeiro semestre de 2012, os destinos no país na perspectiva de turistas brasileiros já eram mais baratos, visto que não havia a barreira de distância. Os casos analisados na época incluíam três origens no Brasil (São Paulo, Salvador e Belo Horizonte) e seis destinos alternativos (Serras Gaúchas x Bariloche, Ouro Preto x Évora e Maceió x Aruba). As cotações feitas entre junho e julho de 2015 para viagens no segundo semestre do mesmo ano (entre agosto e

dezembro) mostraram que as vantagens dos destinos brasileiros para turistas brasileiros se ampliaram. As vantagens de custos para os destinos brasileiros ficaram ainda maiores em 2022 conforme o novo levantamento. As diferenças de conteúdo histórico, ambiental e cultural dos destinos estrangeiros, assim como as opções de entretenimento, devem pesar de forma menos expressiva na decisão dos turistas brasileiros nesse novo cenário cambial.

*Praia da Boa Viagem, Recife,  
Pernambuco.*





4



# FEIRAS E NEGÓCIOS

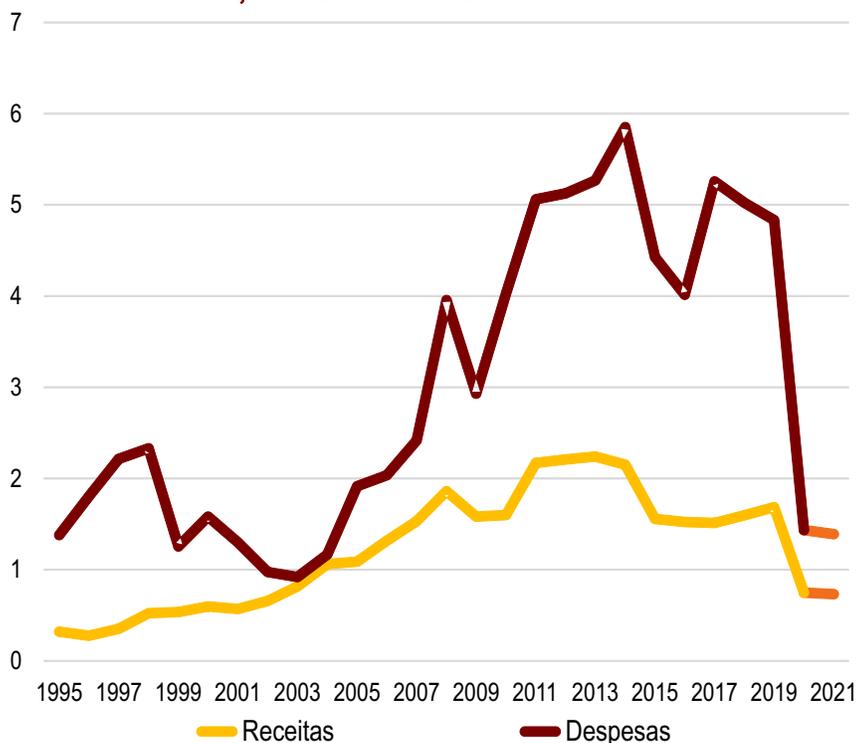
---

O turismo de negócios, cuja principal atividade é a realização de feiras, exposições e convenções, cresceu de forma consistente no país, tornando o Brasil no centro do turismo de negócios da América Latina. Mas, a exemplo do turismo de lazer, o mercado de turismo de negócios também enfrenta desafios imensos no seu horizonte. A distância encarece a visita de estrangeiros ao Brasil e o custo dos hotéis de maior categoria, preferidos pelos homens de negócio, continuaram relativamente elevados após a desvalorização do real. A atual estrutura de custos e as infraestruturas disponíveis limitam o país a uma liderança apenas regional no contexto do turismo de negócios. Isso tudo indica problemas estruturais de competitividade que precisam ser enfrentados com políticas de longo prazo.

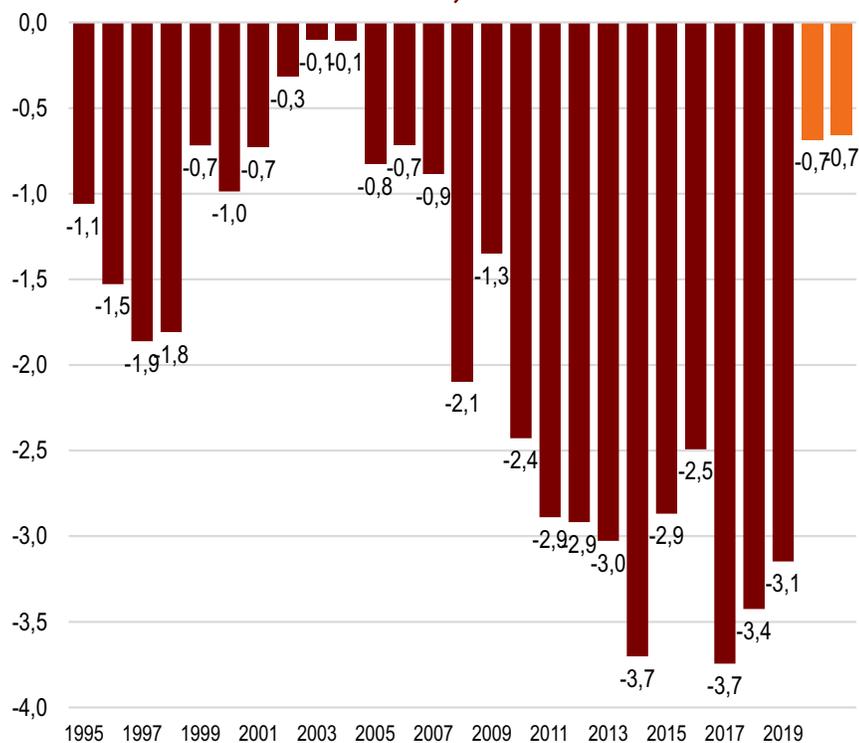
A pandemia afetou esse segmento de forma ainda mais intensa do que o turismo de lazer, porque além das restrições às viagens que afetou feiras, congressos e reuniões de negócios, as empresas de uma forma geral tiveram que reduzir custos num ambiente de recessão mundial. De outro lado, as ferramentas de tecnologia da informação para a realização de reuniões e encontros à distância evoluíram muito e baratearam o custo de realização de eventos remotos. Por essas razões espera-se que o retorno seja mais lento que o do turismo de lazer.

*Além de atrair grande contingente de pessoas, as feiras, exposições e congressos funcionam como multiplicadores do turismo*

**GRÁFICO 4.1**  
**RECEITAS E DESPESAS COM O**  
**TURISMO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS**  
**NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



**GRÁFICO 4.2**  
**SALDO DO TURISMO INTERNACIONAL**  
**DE NEGÓCIOS NO BRASIL, EM USD BILHÕES**



FONTE: Banco Central do Brasil.

A movimentação financeira dos turistas estrangeiros que vêm ao Brasil para participar de feiras e eventos comerciais ou para a realização de negócios é a segunda fonte de receitas do turismo brasileiro. Em 2014, as receitas com turismo de negócios haviam alcançado US\$ 2,1 bilhões, a quarta maior marca da história, e que representou quase 31% das receitas com turismo do Brasil naquele ano. Em 2019, antes da pandemia, as receitas foram menores (apenas US\$ 1,7 bilhão), o que representou 28,1% do total das receitas externas do Brasil com viagens internacionais.

Aos moldes do que ocorre com o turismo de lazer, as despesas dos brasileiros no exterior também têm superado amplamente as receitas com os estrangeiros que visitaram o Brasil no caso das viagens internacionais de negócios – ver Gráfico 4.1. Em 2019, as despesas internacionais dos brasileiros atingiram o recorde de US\$ 4,8 bilhões. Assim, houve um déficit de US\$ 3,1 bilhões naquele ano. Esse déficit, cuja evolução está ilustrada no Gráfico 4.2, representou 27,1% do saldo total das viagens internacionais do país em 2019.

O crescimento do déficit do turismo de negócios deu-se de forma intensa a partir de 2004. Até esse ano, o déficit do turismo de negócios seguia tendência de redução, tendo se reduzido de US\$ 1,9 bilhão em 1997 para US\$ 81 milhões em 2004. Novamente, a deterioração esteve claramente associada ao período marcado pela valorização da moeda brasileira e recuperação das taxas de crescimento econômico. É importante observar, contudo, que o aumento do déficit se deu, sobretudo, pela mudança no comportamento das despesas dos brasileiros no exterior com negócios.

As receitas, como ilustra o Gráfico 4.3, seguem de perto a evolução das exportações brasileiras de mercadorias. Entre 2004 e 2014, enquanto as receitas brasileiras com exportações cresceram à taxa média anual de 8,8%, as receitas brasileiras com turistas estrangeiros de negócios se elevaram ao ritmo de 7,5% ao ano. Isso denota claramente a relação que há entre as receitas com turistas de negócios e as exportações brasileiras de mercadorias. Também reforça a ideia de que as feiras de negócios são fundamentais para a promoção das exportações.

De 2009 a 2019, contudo, as despesas dos brasileiros com viagens internacionais de negócios cresceram ao ritmo de 5,1% ao ano, taxa bastante superior ao do crescimento das receitas, que foi de 0,8% ao ano. Dessa forma, o barateamento das viagens internacionais ocorrida durante o período de valorização do real contribuiu decisivamente para estabelecer um patamar maior dessas despesas que não foi acompanhado pelas receitas.

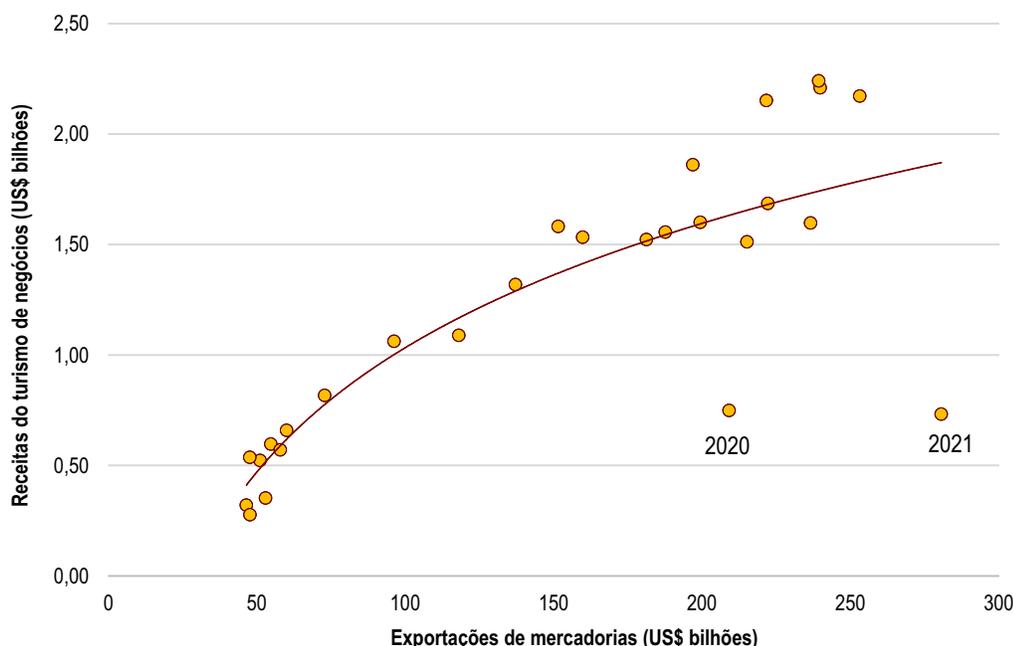
Em termos de receitas externas, a pandemia afetou mais o turismo de negócios no Brasil do que afetou o turismo de lazer. Enquanto as receitas do primeiro tipo caíram

57% entre 2019 e 2021, as receitas do turismo de lazer caíram apenas 49%. As despesas por outro lado, caíram em proporções iguais. Esses dois movimentos levaram a um ligeiro aumento da participação do déficit no turismo de negócios no déficit total com o turismo no Brasil.

Na área de turismo de negócios, o Brasil ainda é o país mais importante da América Latina, recebendo não apenas turistas (visitantes ou expositores) desses países, como visitantes da África de língua portuguesa e expositores de todo o mundo. O principal local de realização das feiras e eventos é a cidade de São Paulo, que conta com vários centros de exposição e convenção e uma rede hoteleira especializada nesse tipo de turista. Por esse motivo, a cidade foi o principal destino dos turistas estrangeiros no Brasil, tendo recebido 32% dos turistas estrangeiros que ingressaram no país em 2019. O estado de São Paulo, que têm duas outras importantes portas de ingresso no país (Viracopos e Santos), recebeu 37% dos turistas estrangeiros no país nesse ano.

Aos moldes da análise desenvolvida para avaliar a competitividade do turismo brasileiro de lazer, a qual comparou custos de estrangeiros virem ao país com os custos de destinos alternativos ao Brasil, este capítulo

### GRÁFICO 4.3 RECEITAS DO TURISMO DE NEGÓCIOS E EXPORTAÇÕES DE BENS, EM USD BILHÕES



FONTE: Banco Central do Brasil.

## 4 FEIRAS INTERNACIONAIS NA ÓTICA DE TURISTAS DE 4 NACIONALIDADES

### ORIGEM: Rio de Janeiro

Custo de uma viagem partindo do Rio de Janeiro, de 6 noites nas datas das referidas feiras. As despesas foram cotadas para uma pessoa em USD.

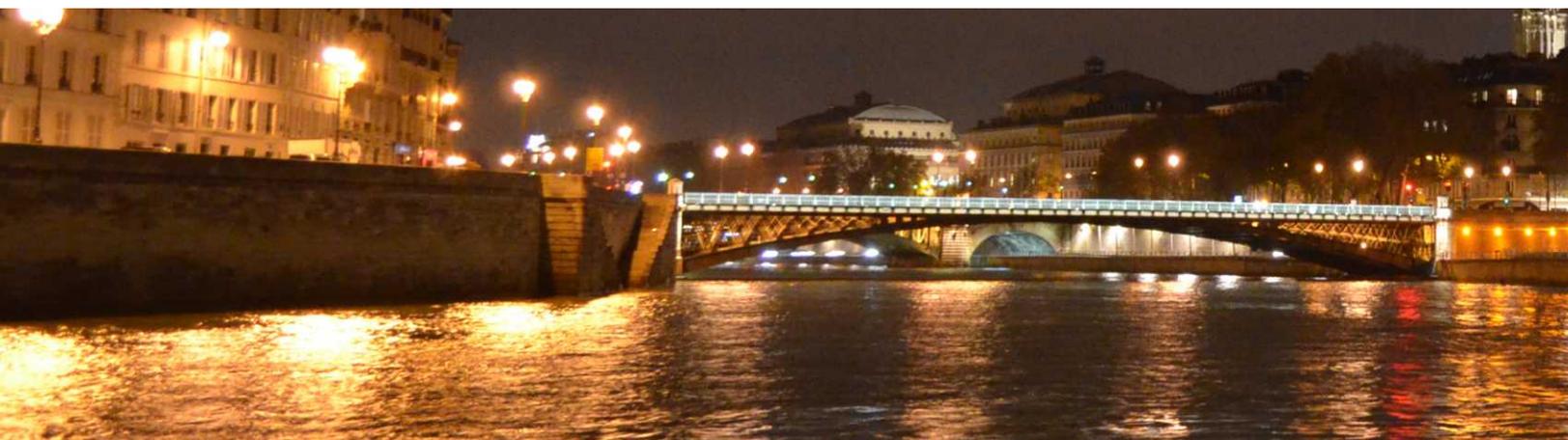
		Paris	Londres	São Paulo	Nova Déli
Hotel	***	1.221,98	896,46	475,30	338,02
	****	2.137,61	1.307,65	1.007,31	977,69
	*****	5.420,60	2.818,32	1.417,76	1.476,87
Passagem		1.857,40	939,12	171,77	2.516,42
Hotel + Passagem	***	<b>3.079,38</b>	<b>1.835,57</b>	<b>647,06</b>	<b>2.854,44</b>
	****	<b>3.995,01</b>	<b>2.246,77</b>	<b>1.179,08</b>	<b>3.494,10</b>
	*****	<b>7.278,00</b>	<b>3.757,44</b>	<b>1.589,53</b>	<b>3.993,28</b>

### ORIGEM: Nova Iorque

Custo de uma viagem partindo de Nova Iorque, de 6 noites nas datas das referidas feiras. As despesas foram cotadas para uma pessoa em USD.

		Paris	Londres	São Paulo	Nova Déli
Hotel	***	1.221,98	896,46	475,30	338,02
	****	2.137,61	1.307,65	1.007,31	977,69
	*****	5.420,60	2.818,32	1.417,76	1.476,87
Passagem		1.039,61	621,02	954,54	999,07
Hotel + Passagem	***	<b>2.261,59</b>	<b>1.517,48</b>	<b>1.429,84</b>	<b>1.337,09</b>
	****	<b>3.177,23</b>	<b>1.928,67</b>	<b>1.961,85</b>	<b>1.976,75</b>
	*****	<b>6.460,21</b>	<b>3.439,34</b>	<b>2.372,30</b>	<b>2.475,93</b>

*Paris é uma cidade de feiras, exposições e convenções com alternativas culturais e gastronômicas altamente atrativas, apesar do custo.*



BATIMATI, PARIS  
 ENERGY TRANSITION EUROPE, LONDRES  
 EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE CELULOSE E PAPEL, SÃO PAULO  
 INTERNATIONAL FOODTEC, NOVA DÉLI

### ORIGEM: Tóquio

Custo de uma viagem partindo de Tóquio, de 6 noites nas datas das referidas feiras. As despesas foram cotadas para uma pessoa em USD.

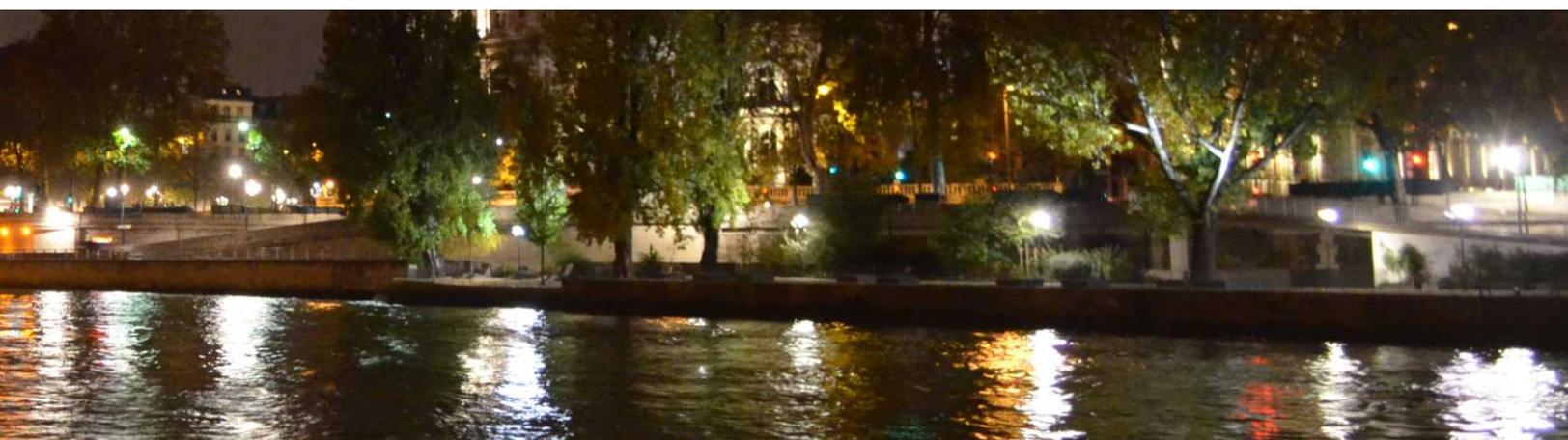
		Paris	Londres	São Paulo	Nova Déli
Hotel	***	1.221,98	896,46	475,30	338,02
	****	2.137,61	1.307,65	1.007,31	977,69
	*****	5.420,60	2.818,32	1.417,76	1.476,87
Passagem		1.059,83	578,17	1.485,51	1.415,17
Hotel + Passagem	***	<b>2.281,80</b>	<b>1.474,63</b>	<b>1.960,81</b>	<b>1.753,20</b>
	****	<b>3.197,44</b>	<b>1.885,82</b>	<b>2.492,82</b>	<b>2.392,86</b>
	*****	<b>6.480,42</b>	<b>3.396,49</b>	<b>2.903,27</b>	<b>2.892,04</b>

### ORIGEM: Berlim

Custo de uma viagem partindo de Berlim, de 6 noites nas datas das referidas feiras. As despesas foram cotadas para uma pessoa em USD.

		Paris	Londres	São Paulo	Nova Déli
Hotel	***	1.221,98	896,46	475,30	338,02
	****	2.137,61	1.307,65	1.007,31	977,69
	*****	5.420,60	2.818,32	1.417,76	1.476,87
Passagem		189,43	218,10	930,66	900,62
Hotel + Passagem	***	<b>1.411,41</b>	<b>1.114,55</b>	<b>1.405,96</b>	<b>1.238,64</b>
	****	<b>2.327,04</b>	<b>1.525,75</b>	<b>1.937,97</b>	<b>1.878,31</b>
	*****	<b>5.610,02</b>	<b>3.036,42</b>	<b>2.348,42</b>	<b>2.377,49</b>

FONTE: Pesquisa em sites de viagem e de companhias aéreas em agosto de 2022.



traz uma comparação de quatro destinos de feiras internacionais para executivos de quatro nacionalidades. Os dados também foram levantados em *sites* de compra de passagens aéreas de diversas companhias e em *sites* de reserva em hotéis.

Foram analisados os custos de executivos de quatro países – Brasil, Estados Unidos, Japão e Alemanha – visitarem quatro feiras no mundo, sendo uma na América do Sul, duas na Europa e, finalmente, uma na Ásia. As cidades de origem dos turistas foram: Rio de Janeiro, Nova York, Tóquio e Berlim. As feiras levadas em consideração, e as respectivas cidades e datas de realização, são descritas a seguir:

- *Batimati*, feira de materiais de construção realizada em Paris.
- *Energy Transition Europe 2022*, congresso sobre os desafios europeus por trás da transição energética a ser realizado em Londres.
- 54º Congresso e Exposição Internacional de Celulose e Papel, que é o principal evento sobre tendências tecnológicas da indústria de base florestal a ser realizada em São Paulo.
- *International FoodTec India e Sweet Sanck Tac*, feira de equipamentos e tecnologia de produção de alimentos realizada em Nova Déli.

As tabelas trazem o custo das viagens partindo das quatro cidades escolhidas com 6 estadias de hotel nas datas das referidas feiras. As despesas foram cotadas para uma pessoa e em US\$.

Para um homem de negócios brasileiro radicado no Rio de Janeiro, a feira realizada em São Paulo tem, um custo de passagem e hotel inferior às feiras realizadas em outros continentes. Note-se, contudo, que isso ocorre em razão do custo relativamente baixo da passagem aérea, cotada com 2 meses de antecedência da data da suposta viagem. Com relação ao custo de hotéis, São Paulo só apresenta vantagens claras em relação aos preços europeus. Os hotéis de Nova Deli têm custos inferiores aos dos hotéis em São Paulo ou próximo no caso de hotéis 5 estrelas. Esse fato chama a atenção, pois as cotações foram feitas num momento em que a taxa de câmbio estava bastante desfavorável ao Brasil (R\$/US\$ 5,25).

Para um executivo norte-americano de Nova Iorque que busca um hotel 5 estrelas, São Paulo também é um destino relativamente caro. Nesse caso, o que pesa novamente é o custo dos hotéis de maior categoria, que anulam as vantagens em termos de um deslocamento relativamente mais barato. Vale observar que os custos com hotéis em Nova Déli, ao contrário, compensam o custo mais elevado de transporte para esse turista, chegando a equalizar o custo total da viagem à Índia com o de uma feira em São Paulo no caso de executivos que ficam em hotéis de 4 ou 5 estrelas.

Situação semelhante ocorre com um executivo alemão. Considerando a estadia Londres em hotéis 3 e 4 estrelas, a viagem para assistir a uma feira de negócios em São Paulo fica mais cara que as viagens para Nova Déli ou para Londres.

*Edifícios do governo em Nova Déli, Índia.*



Para homens de negócios radicados em Tóquio, São Paulo é um destino que apresenta desvantagens. Neste caso pesa, além do custo relativamente mais elevado dos hotéis de 3 e 4 estrelas, há o custo mais elevado da passagem aérea. Uma visita à feira de São Paulo fica mais cara que uma viagem de negócios de um japonês a Londres ou a Nova Déli.

Esses dados revelam que, mesmo numa situação bastante favorável do câmbio para o barateamento de custos, o Brasil ainda está exposto a um baixo nível de competitividade. O custo relativamente reduzido para os viajantes de negócios que vêm do próprio país, ou da América do Sul, torna o Brasil, e a cidade de São Paulo em particular, um centro regional de negócios. Contudo, os custos ainda não permitem que o país ascenda para um nível superior, de centro global de referência para a realização de feiras e eventos.

Além da questão estrutural dos custos, deve-se considerar o enorme impacto negativo da pandemia sobre esse segmento. Além das restrições às viagens que afetou feiras, congressos e reuniões de negócios, as empresas de uma forma geral tiveram, como dito, que reduzir custos num ambiente de recessão mundial. Já as ferramentas de tecnologia da informação para a realização de reuniões e encontros à distância evoluíram muito e baratearam o custo de realização de eventos remotos. Por essas o do turismo de negócios requer uma atenção especial do governo para equilibrar o seu retorno de forma sustentável.

*Gastronomia e vida noturna são os complementos mais demandados no turismo de negócios. São Paulo é uma das cidades com maior oferta desses serviços no mundo.*



5



# EMPREGO E RENDA

---

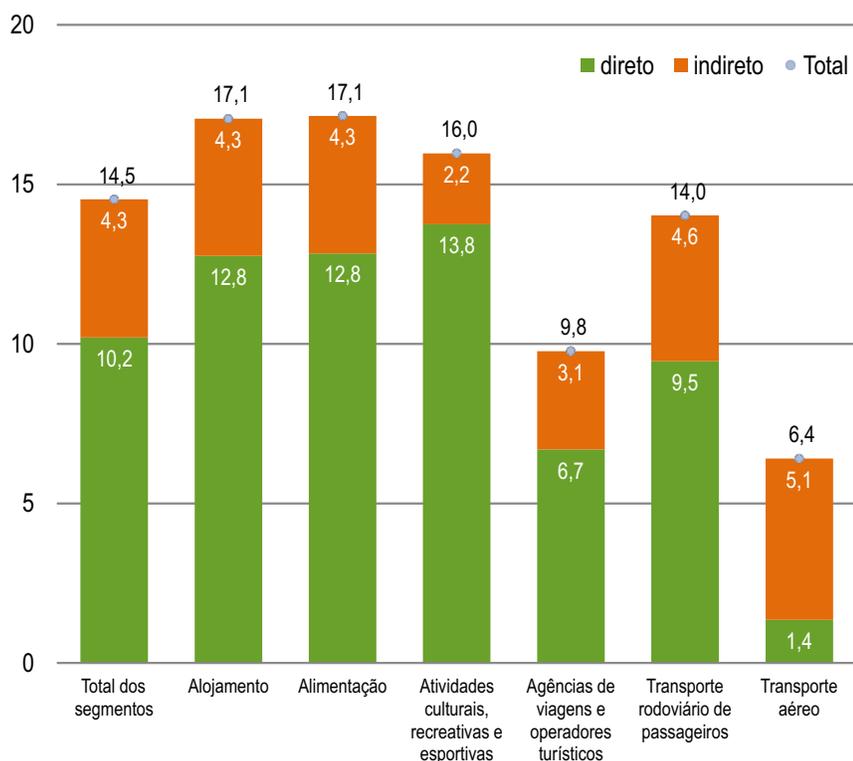
O potencial econômico do turismo brasileiro é imenso. Além de um gerador de divisas externas, o turismo tem um potencial de geração e renda e emprego imenso. Para cada R\$ 1 milhão de demanda no setor de turismo, foram gerados 5,3 postos de trabalho diretos com carteira assinada no país em 2019.

As receitas do turismo alcançaram R\$ 306 bilhões no país, o que sustentou um PIB do setor de turismo de quase R\$ 138 bilhões naquele ano. Além dos ganhos de renda e emprego para o país, outro aspecto fundamental é que o turismo brasileiro tem funcionado como um motor do desenvolvimento regional.

Os dados também apontam que os investimentos em turismo tem um potencial de geração de empregos muito superior ao da média da economia. No turismo, cada R\$ 1 milhão investido gera 5,3 postos de trabalho diretos. Na média da economia, cada R\$ 1 milhão investido gera menos de 1 emprego. Na indústria de transformação, para gerar um único emprego é necessário investir quase R\$ 11 milhões. Nos serviços de turismo, um investimento dessa monta geraria quase 60 postos de trabalho permanentes na economia.

*Os setores de atividade econômica ligados ao turismo são grandes empregadores de mão de obra. Por isso a tributação sobre os salários é um ponto crítico no Brasil.*

**GRÁFICO 5.1**  
**GERAÇÃO DE EMPREGO POR R\$ MILHÃO DE**  
**DEMANDA NOS SEGMENTOS DO TURISMO, 2019**



Neste capítulo são apresentados os dados da Pesquisa Anual dos Serviços do IBGE de 2019, que mostram o enorme potencial de geração de emprego e renda do setor de turismo no Brasil, e o impacto da pandemia em 2020. Os seis principais segmentos da atividade econômica de turismo são:

- (i) alojamento;
- (ii) alimentação;
- (iii) atividades culturais e esportivas;
- (iv) agências de viagens e operadores turísticos;
- (v) transporte rodoviário de passageiros; e
- (vi) transporte aéreo.

**TABELA 5.1**  
**PIB NOS SETORES DE TURISMO,**  
**POR SEGMENTO, BRASIL, 2019**

Operações	Total dos segmentos	Alojamento	Alimentação	Atividades culturais, recreativas e esportivas	Agências de viagens e operadores turísticos	Transporte rodoviário de passageiros	Transporte aéreo
Receita operacional líquida, R\$ milhões	305.954,86	27.972,06	137.120,11	14.048,27	12.465,53	70.732,92	43.615,98
Valor bruto da produção, R\$ milhões	310.394,37	28.196,38	136.195,64	14.202,71	13.160,43	72.130,88	46.508,33
Consumo intermediário, R\$ milhões	155.382,09	12.508,41	68.426,38	5.469,78	5.650,93	31.895,37	31.431,22
Valor adicionado, R\$ milhões	155.012,29	15.687,98	67.769,26	8.732,92	7.509,50	40.235,51	15.077,11
Gastos com pessoal, R\$ milhões	99.171,90	10.552,66	42.530,55	4.568,97	4.169,68	29.376,51	7.973,53
Excedente operacional bruto, R\$ milhões	55.840,39	5.135,32	25.238,71	4.163,96	3.339,82	10.859,00	7.103,58
Pessoal ocupado (pessoas)	3.121.451	356.883	1.759.991	193.170	83.374	669.099	58.934
Número de empresas	355.583	28.217	241.707	38.443	14.956	32.042	218
Produtividade, em R\$	49.660,33	43.958,32	38.505,46	45.208,49	90.070,05	60.133,87	255.830,44
Remuneração média, em R\$	31.771,09	29.568,96	24.165,21	23.652,58	50.011,72	43.904,58	135.295,99
Receita média por empresa, em R\$	860.431,64	991.319,31	567.298,86	365.431,03	833.480,48	2.207.506,40	200.073.311,93

FONTE: Pesquisa Anual de Serviços. IBGE.

Em conjunto, esses setores faturaram R\$ 306 bilhões em 2019. Cerca de 8,1% desse valor foi despendido por estrangeiros (R\$ 24,6 bilhões), o que denota a baixa contribuição do turismo internacional para o país. O faturamento por empresa alcançou R\$ 860 mil, sendo relativamente maior nas empresas intensivas em capital, como o setor de transportes aéreos, cujas empresas faturaram, em média, R\$ 200 milhões em 2019.

O setor de turismo respondeu por um PIB de quase R\$ 155 bilhões e gerou 3,1 milhões de postos de trabalho diretos. Os gastos com pessoal, que incluem salários e contribuições sociais, somaram R\$ 99,0 bilhões, o equivalente a 64% do PIB do setor em 2019. O setor responsável pela maior parte da renda e do emprego gerados é o de alimentação, indicando que as atividades de maior produtividade (Tabela 5.1) tem um espaço ainda pequeno. Em outros termos, o turismo brasileiro ainda se concentra em atividades de valor adicionado relativamente baixo.

O potencial de geração de renda e emprego do turismo está contido nessas estatísticas: a cada R\$ 1 milhão em despesas com turismo foram criados 10,2 postos de trabalhos com carteira de trabalho nas empresas do setor de turismo e outros 4,3 postos de trabalho indiretos na economia como um todo no ano de 2019.

O Gráfico 5.1 traz essas estimativas, tomando por base os dados da Tabela 5.1 e os multiplicadores de emprego da Matriz Insumo-Produto de 2015 do IBGE.

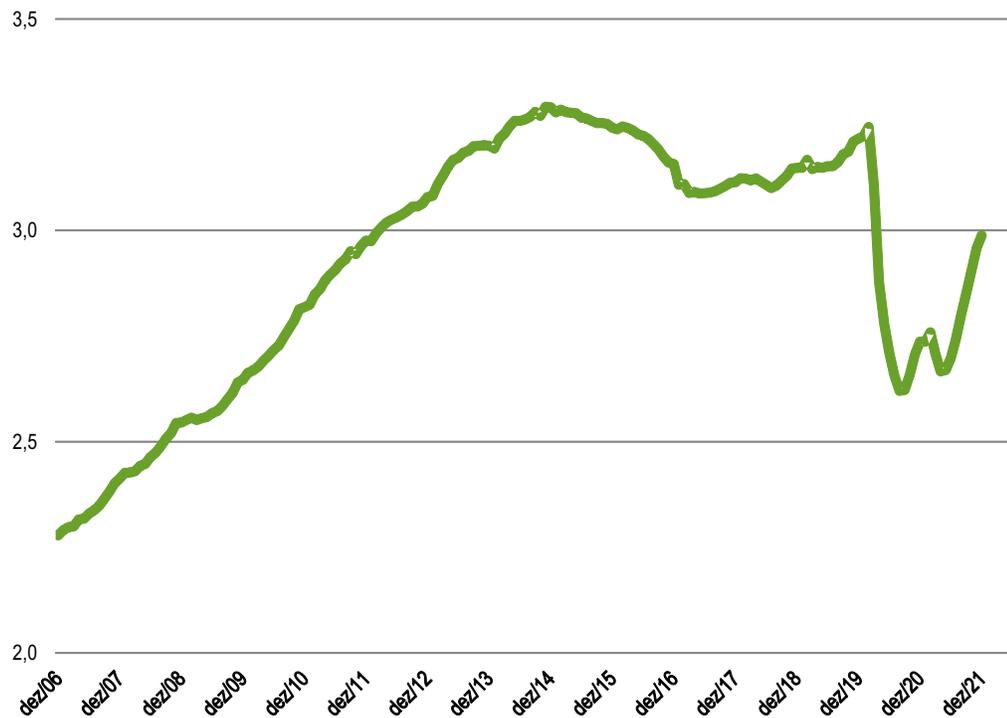
Com base nesse indicador, é possível afirmar que, se o Brasil conseguisse se aproximar do nível de receitas per capita da Argentina em 2019, passando de US\$ 29,03 para US\$ 125,82 por habitante, as receitas com o turismo externo brasileiro cresceriam em quase US\$ 20,4 bilhões, ou R\$ 83,9 bilhões ao câmbio médio de 2019. Isso seria suficiente para sustentar 856,4 mil novos postos de trabalho nas empresas do setor e outros 363,3 mil empregos no resto da economia – ao total seriam gerados 1,220 milhão de postos de trabalho com carteira assinada, aproximadamente.

Em boa medida, o crescimento lento, mas consistente do turismo no Brasil vem possibilitando a ampliação das oportunidades de trabalho. Como ilustra o Gráfico 5.2, entre dezembro de 2006 e dezembro de 2014, o número de postos de trabalho com carteira assinada no setor de turismo cresceu quase 44,4%, o que equivale a uma taxa média de 4,7% ao ano. A recessão iniciada em 2015 freou esse crescimento, mas em meados de 2017 as taxas voltaram a ser positivas e ao final de 2019 o número de empregados em turismo já estava próximo do verificado ao final de 2014.

*O setor de alojamento foi responsável pela geração de 14,5 milhões de empregos em 2019*



**GRÁFICO 5.2**  
**EVOLUÇÃO DO EMPREGO COM CARTEIRA**  
**NO SETOR DE TURISMO, BRASIL**  
**EM MILHÕES DE PESSOAS**



FONTE: Ministério do Trabalho e Emprego.

**TABELA 5.2**  
**COMPOSIÇÃO DE CUSTOS DOS SETORES DE TURISMO,**  
**BRASIL, DISTRIBUIÇÃO (%) 2019**

Operações	Total dos segmentos	Alojamento	Alimentação	Atividades culturais, recreativas e esportivas	Agências de viagens e operadores turísticos	Transporte rodoviário de passageiros	Transporte aéreo
Materiais de consumo e de reposição	21,9%	15,3%	37,6%	8,4%	5,5%	10,8%	6,2%
Combustíveis e lubrificantes	10,8%	0,5%	0,4%	0,4%	5,8%	23,5%	30,8%
Serviços prestados por terceiros	6,9%	10,1%	4,8%	17,7%	11,3%	6,2%	8,2%
Aluguéis de imóveis e equipamentos	6,4%	5,3%	5,2%	10,1%	3,8%	3,0%	15,6%
Prêmios de seguros	0,2%	0,2%	0,1%	0,3%	0,2%	0,5%	0,3%
Serviços de comunicação	0,5%	0,9%	0,5%	0,8%	1,3%	0,3%	0,3%
Energia elétrica, gás, água e esgoto	2,8%	8,6%	3,7%	5,8%	0,8%	0,6%	0,1%
Outros custos e despesas operacionais	11,4%	13,2%	9,4%	11,0%	28,9%	7,3%	18,3%
Gastos com pessoal	39,0%	45,8%	38,3%	45,5%	42,5%	47,9%	20,2%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: Pesquisa Anual de Serviços. IBGE.

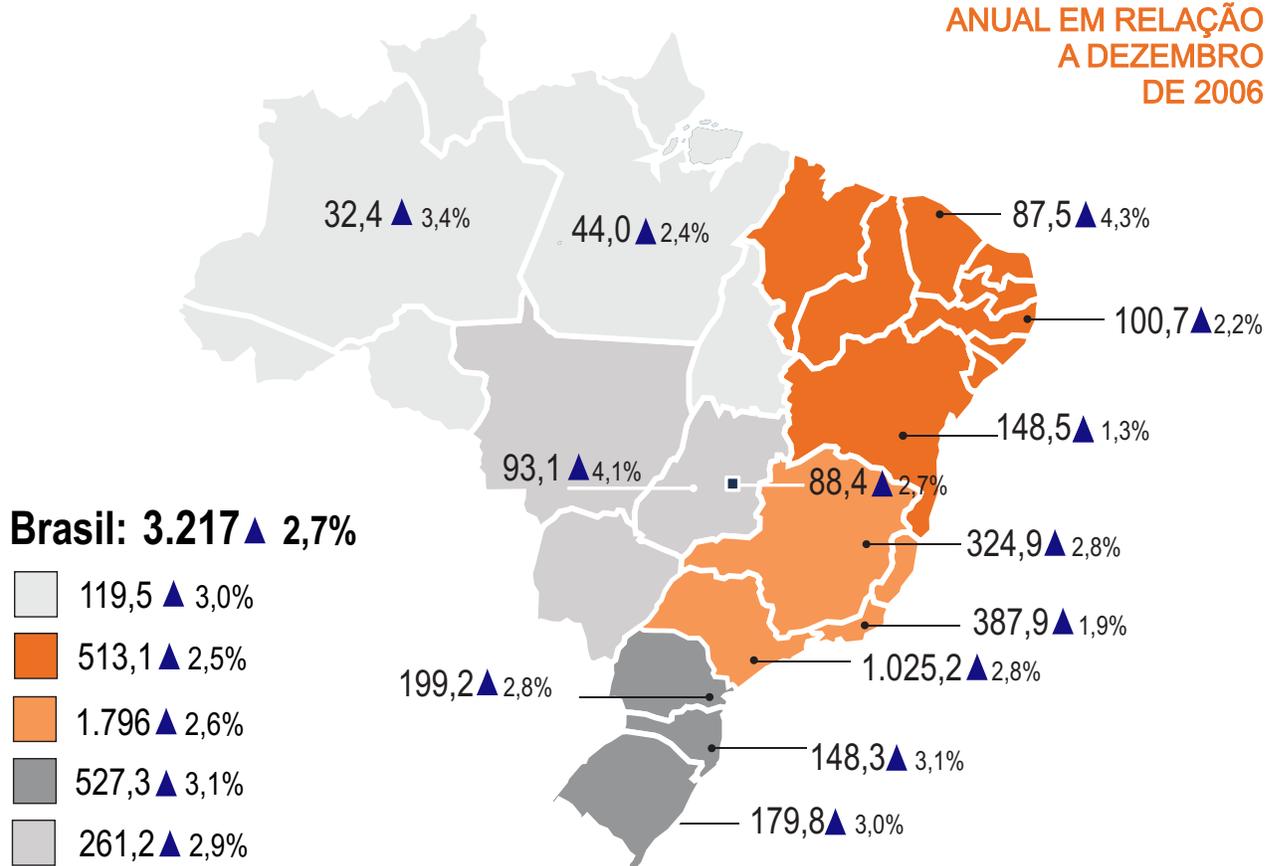
Além da taxa média elevada, deve-se ter em mente que o padrão desse crescimento foi muito importante para o desenvolvimento regional. Nos estados do Nordeste, o emprego no setor de turismo cresceu a taxas maiores que as do Sudeste e Sul. Por exemplo, as expansões do emprego com carteira assinada foram de 4,9% ao ano no Ceará e de 4,9% ao ano, no Piauí – ver Mapa 5.1.

Isso teve impacto na geração de renda local, visto que as empresas do setor de turismo são, em geral, intensivas em mão de obra. No setor de turismo, as despesas com pessoal representaram quase 40% dos custos operacionais diretos em 2018 (Tabela 5.2). Nos setores de alojamento, atividades culturais e transportes rodoviários as despesas com pessoal superam essa média.

As atividades de turismo também têm efeitos sobre a renda dos demais setores de atividade econômica produzidos onde o turismo se desenvolve. Isso porque os materiais de consumo são responsáveis por boa parte das despesas das empresas de turismo – 21,9%, na média das empresas em 2019. Essa participação era ainda maior para as empresas de alimentação, setor em que essas despesas tinham o maior peso nos custos operacionais diretos (37,6%).

A pandemia trouxe, contudo, um enorme impacto negativo sobre a renda e os empregos gerados no turismo. A Tabela 5.3 traz o impacto nos setores de atividade econômica que compõem o turismo entre 2019 e 2020. A queda de receitas foi de 28,8% e a redução de PIB foi de 35,1%. O emprego caiu 17,6%

**MAPA 5.1**  
**EMPREGOS COM CARTEIRA ASSINADA**  
**SETOR DE TURISMO, DEZEMBRO DE 2019**  
**EM MIL PESSOAS E CRESCIMENTO**  
**ANUAL EM RELAÇÃO**  
**A DEZEMBRO**  
**DE 2006**



**TABELA 5.3**  
**VARIAÇÃO DO PIB E SEUS COMPONENTES**  
**NO SETOR DE TURISMO, POR SEGMENTO, BRASIL, 2019-2020**

Operações	Total dos segmentos	Alojamento	Alimentação	Atividades culturais, recreativas e esportivas	Agências de viagens e operadores turísticos	Transporte rodoviário de passageiros	Transporte aéreo
Receita operacional líquida, R\$ milhões	-28,8%	-36,5%	-21,9%	-14,1%	-47,9%	-27,7%	-46,7%
Valor bruto da produção, R\$ milhões	-28,8%	-37,0%	-22,2%	-14,2%	-48,5%	-27,4%	-44,4%
Consumo intermediário, R\$ milhões	-22,6%	-31,3%	-12,5%	-16,0%	-37,8%	-25,8%	-36,3%
Valor adicionado, R\$ milhões	-35,1%	-41,5%	-32,0%	-13,2%	-56,6%	-28,7%	-61,4%
Gastos com pessoal, R\$ milhões	-19,8%	-23,0%	-17,5%	-21,4%	-27,5%	-20,7%	-19,5%
Excedente operacional bruto, R\$ milhões	-62,3%	-79,6%	-56,6%	-4,1%	-92,8%	-50,2%	-108,3%
Pessoal ocupado (pessoas)	-17,6%	-18,3%	-18,7%	-12,9%	-28,4%	-14,5%	-15,5%
Número de empresas	-18,2%	-1,8%	-23,2%	6,7%	-18,7%	-24,4%	9,6%
Produtividade, em R\$	-21,3%	-28,5%	-16,4%	-0,3%	-39,3%	-16,6%	-54,3%
Remuneração média, em R\$	-2,7%	-5,8%	1,5%	-9,8%	1,2%	-7,3%	-4,7%
Receita média por empresa, em R\$	-13,0%	-35,3%	1,7%	-19,5%	-35,8%	-4,3%	-51,4%

FONTE: Pesquisa Anual de Serviços. IBGE.

na média anual. Essas perdas foram muito maiores nos segmentos de transportes aéreos, agências de viagens e alojamento. Em termos de lucros, as perdas nesses segmentos foram gigantescas. Os enormes lucros de mais de R\$ 7 bilhões das companhias aéreas se tornaram em prejuízos, os ganhos das agências de turismo caíram 92,8% e as dos hotéis, 79,6%. Na média do setor, os lucros foram 62,3% menores em 2020 com relação a 2019.

O emprego caiu de forma intensa, com a perda de 491 mil postos de trabalho formais entre fevereiro e agosto de 2020. A queda foi generalizada no país, mas particularmente elevada no Sul, Sudeste e Nordeste do país. Em Santa Catarina, o emprego no setor de

turismo caiu 23% nesse período, No Espírito Santo, 21,7% e no Ceará, 20,4%. A Tabela 5.4 traz a evolução do emprego com carteira assinada em turismo nas unidades da Federação por semestres móveis desde fevereiro de 2020.

Gradativamente o emprego foi se recuperando e em 16 das 27 unidades da Federação, os níveis verificados em julho de 2022 já estavam acima dos observados no período pré-pandemia. Apenas no Sul e Sudeste o volume de emprego ainda está menor do que os níveis de fevereiro de 2020. Para tanto pesam não só a recuperação mais lenta do turismo de lazer, como a recuperação muito tímida do turismo de negócios.

**TABELA 5.4**  
**VARIAÇÃO DO EMPREGO**  
**NO SETOR DE TURISMO, BRASIL**

	fev/2020 a ago/2020	ago/2020 a fev/2021	fev/2021 a ago/2021	ago/2021 a fev/2022	fev/2021 a jul/2022	fev/2020 a jul/2022
<b>Norte</b>	<b>-10,5%</b>	<b>4,5%</b>	<b>6,8%</b>	<b>9,3%</b>	<b>7,3%</b>	<b>17,1%</b>
Rondônia	-14,6%	1,8%	6,8%	9,6%	5,5%	7,5%
Acre	-14,5%	5,2%	2,4%	17,2%	12,2%	21,1%
Amazonas	-9,4%	-0,8%	7,4%	8,0%	6,7%	11,2%
Roraima	1,1%	4,6%	7,2%	10,8%	11,1%	39,5%
Pará	-10,0%	8,7%	7,3%	9,1%	7,5%	23,1%
Amapá	-10,2%	6,3%	8,1%	3,6%	5,2%	12,4%
Tocantins	-13,9%	6,3%	4,4%	11,3%	7,3%	14,1%
<b>Nordeste</b>	<b>-19,5%</b>	<b>10,5%</b>	<b>0,9%</b>	<b>10,7%</b>	<b>3,2%</b>	<b>2,5%</b>
Maranhão	-11,0%	10,8%	6,2%	7,5%	8,8%	22,6%
Piauí	-17,7%	5,7%	2,0%	7,4%	1,4%	-3,4%
Ceará	-20,4%	7,9%	0,0%	11,4%	5,2%	0,7%
Rio Grande do Norte	-19,3%	12,8%	0,5%	11,2%	1,4%	3,2%
Paraíba	-16,0%	10,7%	-2,2%	13,1%	3,1%	6,2%
Pernambuco	-18,7%	9,9%	0,6%	9,2%	3,3%	1,4%
Alagoas	-16,5%	14,8%	1,5%	13,3%	0,1%	10,3%
Sergipe	-16,7%	6,0%	-1,8%	8,1%	1,0%	-5,4%
Bahia	-23,4%	12,1%	1,2%	11,8%	2,6%	-0,3%
<b>Sudeste</b>	<b>-19,4%</b>	<b>3,0%</b>	<b>1,5%</b>	<b>7,8%</b>	<b>4,7%</b>	<b>-4,9%</b>
Minas Gerais	-18,1%	2,7%	2,5%	7,5%	5,1%	-2,6%
Esprito Santo	-21,7%	7,4%	0,1%	8,2%	4,3%	-5,1%
Rio de Janeiro	-19,5%	4,4%	2,3%	7,5%	3,7%	-4,2%
São Paulo	-19,6%	2,4%	0,9%	8,0%	5,1%	-5,8%
<b>Sul</b>	<b>-20,7%</b>	<b>7,0%</b>	<b>-0,1%</b>	<b>8,3%</b>	<b>2,8%</b>	<b>-5,7%</b>
Paraná	-18,8%	5,3%	-0,3%	7,5%	4,4%	-4,5%
Santa Catarina	-23,0%	13,4%	-0,8%	10,4%	-0,1%	-4,4%
Rio Grande do Sul	-21,0%	3,7%	0,7%	7,3%	3,6%	-8,3%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>-18,6%</b>	<b>7,7%</b>	<b>3,1%</b>	<b>7,5%</b>	<b>5,4%</b>	<b>2,4%</b>
Mato Grosso do Sul	-16,5%	8,5%	1,8%	6,6%	5,3%	3,5%
Mato Grosso	-16,1%	9,1%	3,8%	7,2%	6,0%	7,9%
Goiás	-17,2%	9,3%	2,5%	7,8%	5,4%	5,4%
Distrito Federal	-22,2%	4,8%	4,1%	7,6%	5,0%	-4,1%
<b>Brasil</b>	<b>-19,2%</b>	<b>5,3%</b>	<b>1,5%</b>	<b>8,4%</b>	<b>4,3%</b>	<b>-2,4%</b>

FONTE: Pesquisa Anual de Serviços. IBGE.



6

# PROPOSTAS DA CNS

---

O retrato do turismo brasileiro mostra que a busca pelo desenvolvimento setorial exige uma estratégia ampla. Os planos de governo lançados nas últimas duas décadas foram colocados em prática pelo Ministério do Turismo com um planejamento estratégico que focou apenas o marketing do país – o controle de custos, as ações de investimento e a competitividade não foram tratados devidamente no plano.

O orçamento público de fomento ao turismo era pequeno, com um gasto relativamente diminuto dos Estados e municípios. Nos últimos dois anos, o fomento federal tornou-se extremamente reduzido. Um fator agravante é que o parco dinheiro é aplicado em regra de forma dispersa, em um número enorme de projetos de pequeno vulto. Não se privilegiaram os investimentos em escala, concentrados em áreas com grande potencial. É necessário pensar a questão de maneira ampla, buscando-se uma cooperação efetiva entre os entes federativos, de forma a conferir competitividade a um elenco factível de destinos.

Mais recentemente, a pandemia causou perdas gigantescas ao setor, que teve que acomodar ao mesmo tempo reduções na escala das operações e mudanças tecnológicas e de comportamento – como o surgimento de plataformas modernas de realização de eventos à distância e de reservas de passagens, hotéis, restaurantes e eventos e o crescimento expressivo da oferta de imóveis para aluguel por breves períodos.

A análise empreendida nos capítulos anteriores revela uma situação delicada do turismo brasileiro. Em relação ao mundo, nosso turismo é pouco desenvolvido. A pandemia, de outro, lado, impôs severas perdas e lançou novos desafios.

Houve progressos nos últimos 20 anos, mas o ingresso de turistas estrangeiros no país ainda é pequeno se comparado outras nações. Os custos são relativamente elevados e tornam os destinos no Brasil pouco atrativos, o que agrava ainda mais as dificuldades criadas pela barreira da distância, da língua e da segurança pública. Isso tudo explica o déficit gigantesco do turismo internacional brasileiro.

O que fazer para consertar essa situação e repor esse déficit? Para zerar o saldo do turismo internacional brasileiro, é necessário elevar as receitas externas para o valor equivalente das despesas, ou seja, para US\$ 17,6 bilhões, ou reduzir as despesas para US\$ 6,0 bilhões (valores de 2019). A desvalorização cambial de 2015 em diante contribuiu nesse sentido, mas seguramente será insuficiente para equalizar uma balança tão desigual. A pandemia reduziu o déficit, mas a recuperação do fluxo de turistas já aponta para novo aprofundamento do déficit em 2022.

O equilíbrio é um desafio gigantesco: além de representar um crescimento de 193% nas receitas com turismo, ou uma queda de 66% nas despesas, essa mudança significaria passar o Brasil da 49ª posição para a 23ª posição no ranking de países por receita com turismo, logo atrás da Grécia e da Suíça e acima da Irlanda, Egito, Croácia, Marrocos e da África do Sul.

Mantendo o nível de despesa média dos estrangeiros no Brasil de 2019, que foi de US\$ 961,00 por turista, para zerar o déficit com o turismo externo seria necessário elevar o número de turistas ingressantes no Brasil de 6,4 milhões para 18,6 milhões. Isso significaria atrair 12,3 milhões de novos turistas ao Brasil. Tomando como meta para atingimento desse patamar o ano de 2030, a eliminação do déficit do turismo brasileiro requer um crescimento de 11,4% ao ano do número de turistas ingressantes no Brasil. Infelizmente, o ritmo de expansão do número de ingressantes no país nos últimos vinte e cinco anos foi

de 5,0% ao ano e a pandemia destruí todo esse esforço em apenas dois anos de crise sanitária.

O déficit zero poderia ser obtido com um crescimento menos expressivo do número de turistas, caso o Brasil lograsse dobrar as despesas dos turistas estrangeiros, ou seja, o gasto médio passaria dos atuais US\$ 961,00 para US\$ 1.922,00. Nesse caso, seria necessário elevar o número de turistas ingressantes no Brasil de 6,4 milhões para 9,2 milhões. De qualquer forma, o desafio é grande, visto que seria necessário atrair quase 3,0 milhões de novos turistas ao Brasil em relação ao que entrou em 2019 – um crescimento de 3,9% ao ano do número de turistas ingressantes no Brasil até 2030.

Essa análise revela a gravidade da situação atual e, ao mesmo tempo, o quão ambiciosos e ineficazes foram os planos do passado, que pretendiam atingir metas de mais de 11 milhões de turistas estrangeiros e receitas de quase US\$ 18 bilhões com turismo externo em 2020. Em 2019, o Brasil se encontrava com 4,6 milhões de turistas a menos que a meta e US\$ 12 bilhões a menos das receitas esperadas.

A ambição parece ainda maior se considerarmos as ações concretas que foram postas em prática e aquelas que ainda estão em curso para o atingimento dessas metas. Receber entre 12 milhões e 17 milhões de turistas a mais do que recebemos em 2014 requereria um investimento em infraestrutura aeroportuária e portuária, em instalações hoteleiras e em centros de feiras e exposição muito superior ao que foi empreendido recentemente e ao que está em andamento, pois significa no mínimo duplicar o fluxo de turistas em dez anos. Os investimentos para a Copa de 2014 ampliaram a capacidade dos aeroportos brasileiros e elevaram o número de vagas em hotéis. Nos últimos anos, também houve ampliação da área disponível para feiras e exposições. Mas o que foi feito está muito aquém do necessário e a baixa ocupação e rentabilidade desses negócios nos últimos dois anos retirou a atratividade para novos negócios. Mais grave, contudo, é o fato de que quase nada além da desvalorização está sendo feito em termos contenção dos custos em moeda estrangeira e recuperação da competitividade brasileira.

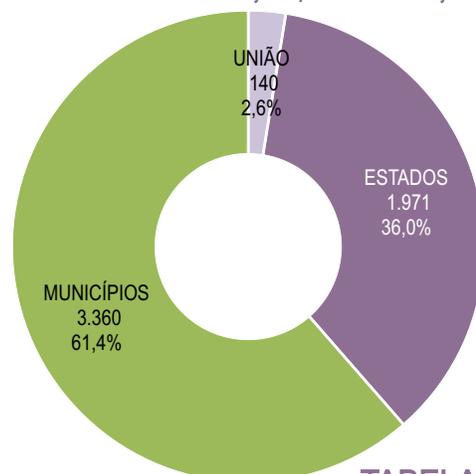
Depois, o investimento em desenvolvimento do turismo é extremamente reduzido e a alocação dos recursos disponíveis dispersa as escassas verbas. Em 2021, as três esferas de governo despenderam R\$ 5,5 bilhões com programas e ações em turismo e promoção cultural. Em 2018, o país investia R\$ 8,5 bilhões, ou seja, 55% a mais do que no último ano.

Do total investido em 2021, a União foi responsável por apenas 2,5%, sendo que em 2018, essa participação era de 26%. Isso indica que o governo federal respondeu por dois-terços da retração de R\$ 3 bilhões nas despesas totais com turismo entre 2018 e 2021.

A despesa total com o fomento do turismo foi de R\$ 25,65 por brasileiro e R\$ 109,05 por turista (estrangeiros e brasileiros). Vale observar, contudo, que esses recursos não são gastos prioritariamente nas regiões que mais recebem turistas. Esse fato é evidenciado pelas estatísticas de despesa por turista: enquanto no Rio de Janeiro e em São Paulo a despesa anual por turista gira entre R\$ 100,00 e R\$ 140,00, há regiões em que essa despesa supera R\$ 200,00 (Amapá, Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e há aquelas em que as despesas superam R\$ 450,00 por turista (Amazonas e Roraima).

Esse quadro sugere a urgência de ações para ampliar a competitividade do turismo brasileiro. Além de potencializar as receitas externas do país, as atividades de turismo são estratégicas para a geração de postos de trabalho permanentes, principalmente em regiões com poucas alternativas. Enquanto os investimentos na indústria de transformação aumentaram muito pouco os postos de trabalho diretos e indiretos, um investimento de R\$ 2 bilhões na área de turismo seria capaz de criar 10,7 mil novos postos de trabalho ao longo de um ano. Assim, ações políticas concretas para o desenvolvimento do turismo contribuiriam em muito para sustentar o crescimento sustentado o emprego e da renda no Brasil.

**GRÁFICO 6.1**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DESPESAS COM TURISMO**  
**POR ESFERA DE GOVERNO, R\$ MILHÃO, 2021**



**TABELA 6.1**  
**DESPESAS PÚBLICAS COM TURISMO**  
**EM R\$ MILHÃO E R\$ PER CAPITA, 2021**

Região e Estado	Despesas com Turismo, R\$ milhão	Despesas por habitante, R\$	Despesas por turista, R\$
<b>Região Norte</b>	<b>582,336</b>	<b>30,80</b>	<b>177,85</b>
Rondônia	16,886	9,30	70,08
Acre	13,897	15,32	137,50
Amazonas	185,551	43,45	503,46
Roraima	28,715	43,99	452,03
Pará	296,108	33,74	152,69
Amapá	12,457	14,19	204,07
Tocantins	28,723	17,87	57,45
<b>Região Nordeste</b>	<b>1.254,753</b>	<b>21,76</b>	<b>90,34</b>
Maranhão	154,844	21,65	136,10
Piauí	98,168	29,84	79,94
Ceará	296,650	32,10	142,29
Rio Grande do Norte	61,128	17,17	61,99
Paraíba	66,802	16,45	81,45
Pernambuco	217,476	22,48	145,44
Alagoas	56,136	16,68	60,40
Sergipe	37,741	16,14	67,84
Bahia	265,807	17,74	57,15
<b>Região Sudeste</b>	<b>2.398,054</b>	<b>26,75</b>	<b>114,46</b>
Minas Gerais	472,999	22,09	84,16
Espírito Santo	60,075	14,62	54,17
Rio de Janeiro	336,882	19,29	100,78
São Paulo	1.528,099	32,76	140,46
<b>Região Sul</b>	<b>760,902</b>	<b>25,03</b>	<b>88,44</b>
Paraná	251,390	21,68	89,26
Santa Catarina	278,959	38,01	108,51
Rio Grande do Sul	230,553	20,11	71,69
<b>Região Centro-Oeste</b>	<b>474,545</b>	<b>28,40</b>	<b>137,57</b>
Mato Grosso do Sul	116,487	41,03	206,93
Mato Grosso	140,274	39,32	223,15
Goias	125,443	17,41	68,46
Distrito Federal	92,341	29,84	216,95
<b>Brasil</b>	<b>5.470,589</b>	<b>25,65</b>	<b>109,05</b>

# ROTEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO BRASILEIRO

---

O país necessita de mais investimento para o desenvolvimento setorial, mas os esforços devem ser voltados à busca de competitividade. O turismo brasileiro deve oferecer bons serviços a bons preços e para isso é necessário desonerar o setor e privilegiar destinos favorecidos com medidas e investimentos. É necessário gerar escala em territórios qualificados, sem problemas relacionados a fatores-chave, como qualidade ambiental e segurança.

Os investimentos e planos, por sua vez, devem contar com a participação ativa de Estados e municípios, pois estes se beneficiaram diretamente da geração de emprego, renda e receita de impostos.

Para que o Brasil não desperdice mais oportunidades nesse setor, segue um elenco de medidas divididas em quatro grandes módulos:

## REDUÇÃO DE CUSTOS

1. É necessário manter a desoneração da folha de pagamento das empresas. Propõe-se a aplicação da proposta de desoneração da folha de pagamentos CNS, por meio de uma contribuição sobre as movimentações financeiras. A medida permitirá uma redução de quase 5,0% no preço dos serviços de turismo no Brasil – no caso do transporte rodoviário, essa redução seria de 7,5%.
  2. Desoneração de impostos para estrangeiros: propõe-se a ampliação dos produtos passíveis de compra com tax free. Para aumentar a competitividade internacional, propõe-se também a desoneração de ICMS e ISS nas despesas com hotel realizadas por estrangeiros, mediante apresentação de passaporte. A medida reduziria em até 7,5% dos preços dos hotéis em USD.
  3. Contenção dos preços de combustíveis: a desoneração da Cide (Contribuição sobre Intervenção no Domínio Econômico) sobre combustíveis para empresas de transportes poderia reduzir o preço de passagens em até 2,5%.
  4. Incentivo aos investimentos em P&D e ao aumento da produtividade: os serviços de turismo devem incorporar tecnologia e a qualificação de seus funcionários.
-

## EXPANSÃO DA INFRAESTRUTURA

1. Redução de 2 pontos percentuais no spreads de financiamento do BNDES: isso reduziria em 2% o custo de aquisição de capital.
2. Elevação do volume de fundos para empréstimos: essa medida é fundamental uma vez reconhecido o setor de turismo como prioritário.
3. Estímulos ao aumento da escala dos empreendimentos: como visto neste estudo, é necessário o aumento de escala dos empreendimentos na perspectiva de ampliação da receita e da produtividade.
4. Elevação do volume de investimentos em infraestrutura: essa medida é fundamental para garantir o crescimento sem gargalos do turismo externo; são prioritárias as áreas de infraestrutura aeroportuária, portuária e de mobilidade urbana. Investimentos em saneamento são prioritários na região costeira.
5. Espaços para feiras e exposições: a ampliação das áreas para feiras e exposições é fundamental para permitir o avanço do turismo de negócios sem pressão sobre os custos da realização de eventos.

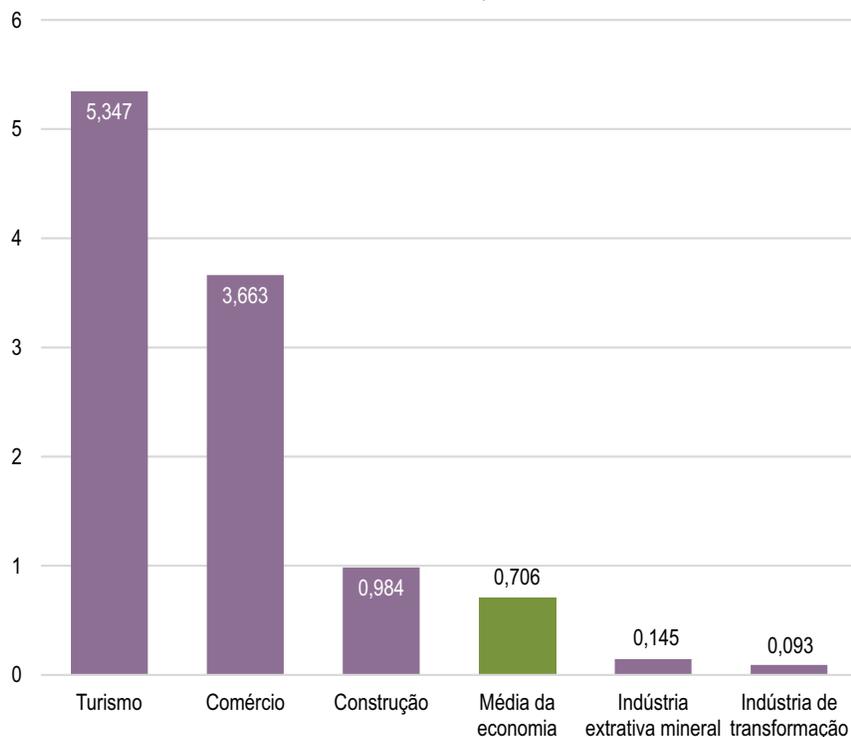
## RACIONALIZAÇÃO DAS DESPESAS

- 1 Concentração de esforços em um pequeno número de projetos estratégicos. A dispersão de recursos compromete a efetividade dos investimentos, conforme se verifica atualmente. É necessário estabelecer destinos prioritários para investimentos, com escala e produtividade.
2. Integração das ações externas de promoção de comércio com as de turismo. É de vital importância para o setor a ação temática, que pode favorecer determinado conjunto de municípios. Exemplos disso são os roteiros de ecoturismo, do vinho, do chocolate etc.
3. Integração das ações com outros setores exportadores de serviços. O turismo de saúde e de educação são elementos importantes em que o país pode se diferenciar, mas para isso é necessário o estabelecimento de infraestrutura adequada, como a criação de alojamentos atraentes próximos a hospitais e escolas.
4. Integração do turismo brasileiro a roteiros na América do Sul: os destinos próximos ao Brasil não são necessariamente rivais. Eles podem ser integrados em roteiros latino-americanos.

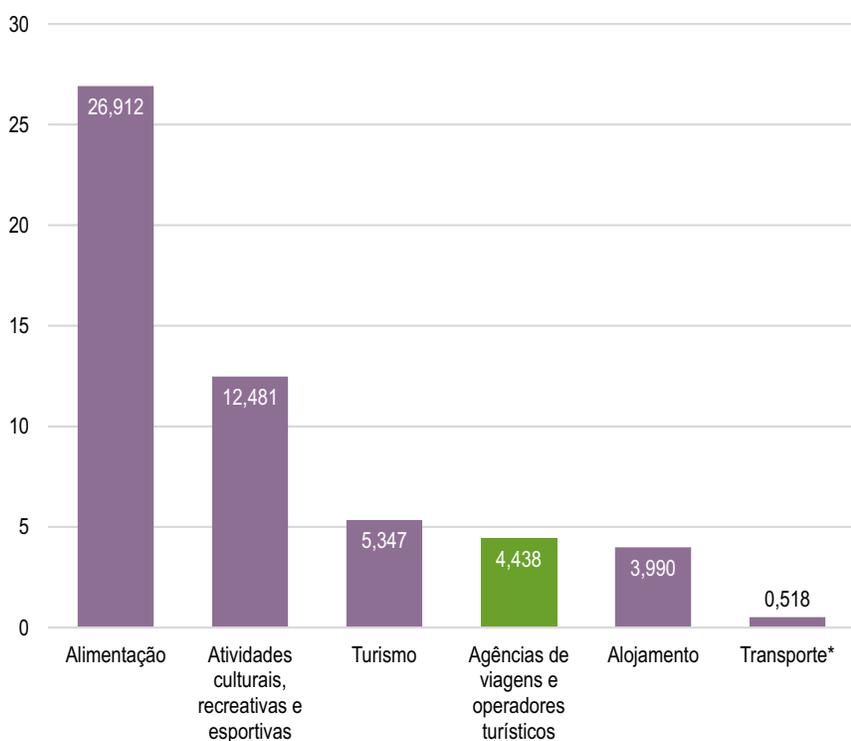
## ATRAÇÃO DE TURISTAS

1. Criação de áreas de segurança. A criação dessas áreas prioritárias de recepção turística, além de resolver pontualmente o problema de segurança pública, poderia servir de exemplo a boas práticas de segurança em todo o país.
2. Visto de entrada eletrônico. Sem burocracia, a ser obtido gratuitamente via internet. O próprio portal de visto pode ser um elemento de divulgação dos destinos brasileiros.
3. Superação das barreiras de língua. É necessário incorporar línguas estrangeiras na sinalização, nos cardápios e folders, bem como promover cursos de idioma de caráter de utilidade pública para os trabalhadores ligados ao turismo.
4. Superação das barreiras de distância. É estratégico para o crescimento do setor a disponibilidade de capital para financiamento da passagem ao turista estrangeiro, com redução de impostos. Redução de tarifas com origem em áreas de grande potencial de crescimento – China, por exemplo.
5. Fomento ao turismo de meia idade, o qual tem um potencial maior de geração de renda. Profissionais liberais e aposentados têm maior flexibilidade e renda.

**GRÁFICO 6.2**  
**GERAÇÃO DE EMPREGO POR R\$ MILHÃO DE**  
**INVESTIMENTO NA ECONOMIA, 2007-2020**

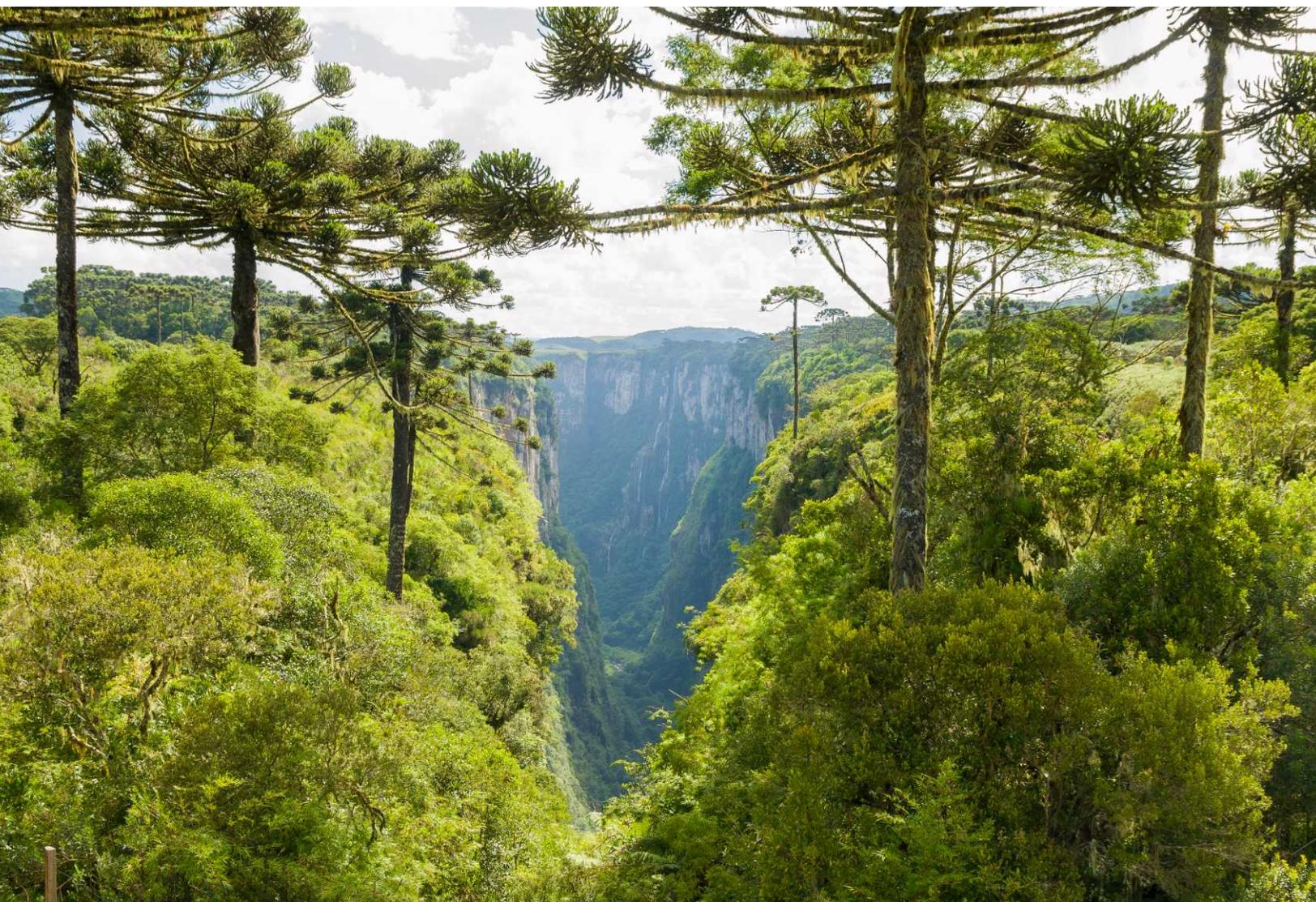


**GRÁFICO 6.3**  
**GERAÇÃO DE EMPREGO POR R\$ MILHÃO DE**  
**INVESTIMENTO NOS SEGMENTOS DO TURISMO, 2007-2020**



(\*) Aéreo e terrestre de passageiros.  
 FONTE: Pesquisa Anual de Serviços, Pesquisa Anual do Comércio, Pesquisa Industrial Anual, Contas Nacionais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. IBGE.

*Canion do Itaimbezinho em Cambará do Sul. Um das maiores atrações turísticas do Rio Grande do Sul.*



Esta publicação traz uma avaliação dos avanços e do estado atual do turismo no Brasil pós-pandemia e traz propostas para acelerar o ritmo de desenvolvimento dessa atividade, cuja importância econômica ganha dimensão cada vez maior. Com isso, a Confederação Nacional de Serviços pretende contribuir para o aprimoramento das políticas públicas, com foco na geração de emprego e renda no âmbito nacional e regional.



CONFEDERAÇÃO  
NACIONAL DE  
SERVIÇOS